J. DE ALENCAR.

IRACEMA

LENDA DO CEARÁ

RIO DE JANEIRO

Typ. de Vianna & Filhos, rua d'Ajuda n. 79

1865

IRACEMA

LENDA.

Quininha —

Iracema — diz a legenda e repete a Gandaia, Iracema, é falla triste e melancolica, doce como o mel de que é gerada. Iracema, desperta uma lembrança, uma lembrança saudosa. Ella significaria melhor — recordação — do que — labios de mel —. É n'este sentido todo meu que eu a tomo dirigindo-me a ti. Além de que é original brasileiro, falla-se n'aquella linguagem primitiva e tem todo o sabor d'esses tempos.

Lembrando-me que apreciarias como eu um delicado manjar estes bons bocados da nossa terra, alliando a idéa de uma recordação minha, obtive-a para ti.

Teu Mano muito Amigo

7 de Abril 1869

Quincoz

J. DE ALENCAR.

IRACEMA

LENDA DO CEARÁ

RIO DE JANEIRO

Typ. de Vianna & Filhos, rua d'Ajuda n. 79

1865

Á' TERRA NATAL

UM FILHO AUSENTE.

MEU AMIGO.

Este livro o vae naturalmente encontrar em seu pitoresco sitio da varzea, no doce lar, que povoa a numerosa prole, alegria e esperança do casal.

Imagino que é a hora mais ardente da sésta.

O sol á pino dardeja raios de fogo sobre as arêas nataes: as aves emmudecem: as plantas languem. A natureza

soffre a influencia da poderosa irradiação tropical, que produz o diamante e o genio, as duas mais sublimes expressões do poder creador.

Os meninos brincão na sombra do outão, com pequenos ossos de rezes, que figurão a boiada. Era assim que eu brincava, ha quantos annos, em outro sitio, não mui distante do seu. A dona da casa terna e incansavel manda abrir o côco verde, ou prepara o saboroso creme do burity para refrigerar o esposo, que pouco ha recolheu de sua excursão pelo sitio, e agora repousa embalando-se na macia e commoda rede.

Abra então este livrinho, que lhe chega da côrte imprevisto. Percorra suas paginas para desenfastiar o espirito das cousas graves que o trazem occupado.

Talvez me desvaneça amor do ninho,

ou se illudão as reminiscencias da infancia avivadas recentemente. Sinão, creio que ao abrir o pequeno volume, sentirá uma onda do mesmo aroma silvestre e bravio que lhe vem da varzea. Derrama-o, a brisa que perpassou os espathos da carnauba e a ramagem das aroeiras em flôr.

Essa onda é a inspiração da patria que volve á ella, agora e sempre, como volve de continuo o olhar do infante para o materno semblante que lhe sorri.

O livro é cearense. Foi imaginado ahi, na limpidez desse céo de cristalino azul, e depois vasado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem. Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rustica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os múrmures do

vento que crepita na arêa ou farfalha nas palmas dos coqueiros.

Para lá, pois, que é o berço seu, o envio.

Mas assim mandado por um filho ausente, para muitos estranho, esquecido talvez dos poucos amigos, e só lembrado pela incessante desaffeição, qual sorte será a do livro?

Que lhe falte hospitalidade, não ha temer. As auras de nossos campos parecem tão impregnadas dessa virtude primitiva, que quantas raças habitem ahi a inspirão com o haleto vital. Receio sim que seja recebido como estrangeiro e hospede na terra dosmeus.

Si porém, ao abordar ás plagas do Mocoripe, fôr acolhido pelo bom Cearense, presado de seus irmãos ainda mais na adversidade do que nos tempos prosperos, estou certo que o filho de

minha alma achará na terra de seu pai, a intimidade e conchego da familia.

O nome de outros filhos ennobrece nossa provincia na politica e na sciencia; entre elles o meu, hoje apagado, quando o trazia brilhantemente aquelle que primeiro o creou. Neste momento mesmo a espada heroica de muito bravo cearense vae ceifando no campo da batalha ampla messe de gloria.

Quem não póde illustrar a terra natal canta as lendas suas, sem mettro, na rude toada de seus antigos filhos.

Acolha pois a primeira mostra e offereça a nossos patricios a quem é dedicada.

Este pedido foi um dos motivos de lhe enderessar o livro; o outro lhe direi depois que o tenha lido.

Muita cousa me occorre dizer sobre o assumpto, que talvez devera anticipar

á leitura da obra, para previnir a sorpreza de alguns e responder ás observações ou reparos de outros.

Mas sempre fui avesso aos prologos; em meu conceito elles fazem a obra, o mesmo que o passaro á fructa antes de colhida; roubão as primicias do sabor litterario. Porisso me reservo para depois.

Na ultima pagina me encontrará de novo; então conversaremos a gosto, em mais liberdade do que teriamos neste portico do livro, onde as etiquetas mandão receber o publico com a gravidade e reverencia devida a tão alto senhor.

Rio de Janeiro—Maio de 1865.

J. DE ALENCAR.

IRACEMA

I

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba:

Verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros:

Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvalle á flor das aguas.

Onde vai a affouta jangada, que deixa rapida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vella?

Onde vae como branca alcyone buscando o rochedo patrio nas solidões do oceano?

Tres entes respirão sobre o fragil lenho que vai singrando veloce, mar em fora:

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano: uma creança e um rafeiro que virão a luz no berço das florestas, e brincão irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermittente traz da praia um echo vibrante, que resoa entre o marulho das vagas:

— Iracema!...

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra: á espaços o olhar empanado por tenue lagrima cahe sobre o giráo, onde folgão as duas innocentes creaturas, companheiras de seu infortunio.

Nesse momento o labio arranca d'alma um agro sorriso.

Que deixára elle na terra do exilio?

Uma historia que me contarão nas lindas varzeas onde nasci, á calada da noite, quando a lua passeava no ceo argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rullo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas; desapparece no horisonte. Abre-se a immensidade dos mares: e a borrasca enverga, como o condor, as foscas azas sobre o abysmo.

Deus te leve á salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje n'alguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jaspêe a bonança mares de leite.

Emquanto vogas assim á discrição do vento, airoso barco, volva ás brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revôa.

II

Além, muito além dáquella serra, que ainda azula no horisonte, nasceu Iracema:

Iracema, a virgem dos labios de mel, que tinha os cabellos mais negros que a aza da graúna, e mais longos que seo talhe de palmeira.

O favo da jaty não era doce como seo sorriso; nem a baunilha rescendia no bosque como seo halito perfumado.

Mais rapida que a corsa selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipú, onde campeava sua guerreira tribu, da grande nação tabajara. O pé gracil e nú, mal roçando, alisava apenas a verde pellucia que vestia a terra com as primeiras aguas.

Um dia, ao pino do sol, ella repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra

da oitycica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acacia silvestre esparzião flores sobre seus humidos cabellos. Escondidos na folhagem os passaros ameigavão o canto.

Iracema sahio do banho: o aljofar d'agua ainda a roreja, como á doce mangaba que corou em manhã de chuva. Emquanto repousa empluma das pennas do gará as flechas de seo arco; e concerta com o sabiá da mata pousado no galho proximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto della. Ás vezes sobe aos ramos da arvore e de lá chama a virgem pelo seu nome; outras remexe o urú de palha matisada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da jussára com que tece a renda, e as tintas de que matisa o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante della e todo á contempla-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum máo espirito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordão o mar. nos olhos o azul triste das aguas profundas

Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rapido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partio. Gotas de sangue borbulhão na face do desconhecido.

De primeiro impeto, a mão lesta cahio sobre a cruz da espada; mas logo sorrio. O moço guerreiro aprendeo na religião de sua mãi, onde a mulher é symbolo de ternura e amor. Soffreo mais d'alma, que da ferida.

O sentimento que elle pôz nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correo para o guerreiro, sentida da magoa que causára. A mão que rapida ferira, estancou mais rapida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deo a haste ao desconhecido, guardando comsigo a ponta farpada.

O guerreiro fallou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meos irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca virão outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas.

Venho das terras que teus irmãos já possuirão, e hoje tem os meus.

— Bemvindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e á cabana de Araken, pae de Iracema.

III

O estrangeiro seguio a virgem ao travez da floresta.

Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, elles descobrirão no valle a grande taba; e mais longe, pendurada no rochedo, á sombra dos altos joaseiros, a cabana do Pagé.

O ancião fumava á porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupan. O tenue sopro da brisa carmeava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabellos brancos. De immovel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.

O Pagé lobrigou os dois vultos que avançavão; cuidou ver a sombra de uma arvore

solitaria que vinha alongando-se pelo valle fóra.

Quando os viajantes entrarão na densa penumbra do bosque, então seu olhar como o do tygre, feito ás trevas, conheceo Iracema, e vio que a seguia um jovem guerreiro, de estranha raça e longes terras.

As tribus tabajaras, d'alem Ibiapaba, fallavão de uma nova raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca, e vindos de remota plaga ás margens do Mearim. O ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante, aquelle que pisava os campos nativos.

Tranquillo, esperou.

A virgem aponta para o estrangeiro e diz:

— Elle veio, pai.

— Veio bem. E' Tupan que traz o hospede a cabana de Araken.

Assim disendo, o Pagé passou o caximbo ao estrangeiro; e entrarão ambos na cabana.

O mancebo sentou na rede principal, suspensa no centro da habitação.

Iracema, accendeo o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe os restos da caça, a fari-

nha' d'agua, os fructos silvestres, os favos de mel e o vinho de cajú e ananaz.

Depois a virgem entrou com a igaçaba, que enchera na fonte proxima de agua fresca para lavar o rosto e as mãos do estrangeiro.

Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho Pagé apagou o caximbo e fallou:

— Vieste?

— Vim: respondeo o desconhecido.

— Bem vieste. O estrangeiro é senhor na cabana de Araken. Os Tabajaras tem mil guerreiros para deffende-lo, e mulheres sem conto para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão.

— Pagé eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer deixarei tua cabana e teos campos onde vim perdido; mas não devo deixa-los sem diser-te quem é o guerreiro, que fiseste amigo.

— Foi a Tupan que o Pagé servio: elle te trouxe, elle te levará. Araken nada fez pelo hospede; não pergunta de onde vem, e quando vai. Si queres dormir, desção sobre ti os sonhos alegres: si queres fallar, teo hospede escuta.

O estrangeiro disse:

— Sou dos guerreiros brancos, que levanta-

rão a taba na margens do Jaguaribe, perto do mar, onde habitão os Pytiguaras, ennemigos de tua nação. Meo nome é Martim que na tua lingua diz como filho de guerreiro; meu sangue o do grande povo que primeiro vio as terras de tua patria. Ja meos destroçados companheiros voltarão por mar as margens do Parahiba, de onde vierão: e o chefe, desamparado dos seos, atravessa agora os vastos sertões do Apody. Só eu de tantos fiquei, porque estava entre os Pytiguaras do Acaraú, na cabana do bravo Poty, irmão de Jacaúna, que plantou comigo a arvore da amisade. Ha tres sóes partimos para a caça; e perdido dos meos vim aos campos dos Tabajaras.

— Foi algum máo espirito da floresta que cegou o guerreiro branco no escuro da mata: respondeo o ancião.

A cauâm piou, alem, na extrema do valle. Cahia a noite.

IV

O Pagé vibrou o maracá, e sahio da cabana, porem o estrangeiro não ficou só.

Iracema voltára com as mulheres chamadas para servir o hospede de Araken, e os guerreiros vindos para obedecer-lhe.

— Guerreiro branco, disse a virgem, o praser emballe a tua rede durante a noite; e o sol traga luz aos teos olhos, alegria á tua alma.

E assim disendo Iracema tinha o labio tremulo, e humida a palpebra.

— Tu me deixas? perguntou Martim.

— As mais bellas mulheres da grande taba, comtigo ficão.

— Para ellas a filha de Araken não devia ter conduzido o hospede á cabana do Pagé.

— Estrangeiro, Iracema não pode ser tua

serva. E' ella que guarda o segredo da jurema e o misterio do sonho. Sua mão fabrica para o Pagé a bebida de Tupan.

O guerreiro christão atravessou a cabana e sumio-se na treva.

A grande taba erguia-se no fundo do valle, illuminada pelos faxos da alegria. Rugia o maracá; ao quebro lento do canto selvagem, batia a dansa em trono a rude cadencia. O Pagé inspirado condusia o sagrado tripudio e disia ao povo crente os segregos de Tupan.

O maior chefe da nação tabajara, Irapuam, descera do mais alto da serra Ibyapaba, para levar as tribus do sertão contra o ennemigo Pytguara. Os guerreiros do valle festejão a vinda do chefe, e o proximo combate.

O mancebo christão vio longe o clarão da festa, e passou alem, e olhou o ceo azul sem nuvens. A estrella morta que então brilhava sobre a cupola da floresta, guiou seo passo firme para as frescas margens do Acaraú.

Quando elle transmontou o valle e ia penetrar na matta, o vulto de Iracema surgio. A virgem seguira o estrangeiro como a brisa subtil que resvalla sem murnurejar por entre a ramagem.

— Porque, disse ella, o estrangeiro abandona a cabana hospedeira sem levar o presente da volta? Quem fez mal ao guerreiro branco na terra dos Tabajaras?

O christão sentio quanto era justa a queixa, e achou-se ingrato.

— Ninguem fez mal ao teo hospede, filha de Araken. Era o desejo de ver seus amigos que o afastava dos campos dos Tabajaras. Não levava o presente da volta; mas leva em sua alma a lembrança de Iracema.

— Si a lembrança de Iracema estivesse n'alma do estrangeiro, ella não o deixaria partir. O vento não leva a areia da varzea, quando a areia bebe a agua da chuva.

A virgem suspirou:

— Guerreiro branco, espera que Cauby volte da caça. O irmão de Iracema tem o ouvido subtil que pressente a boicininga entre os rumores da matta; e o olhar do oitibó que vê melhor na treva. Elle te guiará ás margens do rio das garças.

— Quanto tempo se passará antes que o irmão de Iracema esteja de volta na cabana de Araken?

— O sol, que vai nascer, tornará com o guerreiro Cauby aos campos do Ipú.

— Teo hospede espera, filha de Araken: mas si o sol tornando, não trouxer o irmão de Iracema, elle levará o guerreiro branco á taba dos Pytiguaras.

Martim voltou a cabana do Pagé.

A alva rede que Iracema perfumara com a resina do beijoim guardava-lhe um somno calmo e doce. O christão adormeceo ouvindo suspirar, entre os murmurios da floresta, o canto mavioso da virgem indiana.

V

O gallo da campina ergue a poupa escarlate fóra do ninho. Seo limpido trinado annuncia a aproximação do dia.

Ainda a sombra cobre a terra. Já o povo selvagem colhe as redes na grande taba e caminha para o banho. O velho Pagé que vellou toda noite, fallando ás estrellas, conjurando os máos espiritos da treva, entra furtivamente na cabana.

Eis retroa o boré pela amplidão do valle.

Travão das armas os rapidos guerreiros, e correm ao campo. Quando forão todos na vasta ocára circular, Irapuam, o chefe, soltou o grito de guerra.

— Tupan deo á grande nação tabajara toda esta terra. Nós guardamos as serras, que manão

os corregos, com os frescos ipús onde cresce a maniva e o algodão; e abandonamos ao barbaro Potyuara, comedor de camarão, as areias nuas do mar, com os secos taboleiros sem agua e sem florestas. Agora os pescadores da praia, sempre vencidos, deixão vir pelo mar a raça branca dos guerreiros de fogo, inimigos de Tupan. Já os emboabas estiverão no Jaguaribe; logo estarão em nossos campos; e com elles os Potyuáras. Faremos nós, senhores das aldeias, como a pomba, que se encolhe em seo ninho, quando a serpente enrosca pelos galhos?

O irado chefe brande o tacape e o arremessa no meio do campo. Derrubando a fronte, cobre o rubido olhar:

— Irapuam fallou; disse.

O mais moço dos guerreiros avança:

— O gavião paira nos ares. Quando a nambú levanta, elle cahe das nuvens e rasga as entranhas da victima. O guerreiro tabajára, filho da serra, é como o gavião.

Troa e retroa a pocema da guerra.

O jovem guerreiro erguera o tacape; e por sua vez o brandio. Girando no ar, rapida e ameaçadora, a arma do chefe passou de mão em mão.

O velho Andira, irmão do Pagé, a deixou tombar, e calcou no chão, com o pé agil ainda e firme.

Pasma o povo tabajara da acção desusada. Voto de paz em tão provado e impetuoso guerreiro! E' o velho heróe, que cresceo na sanha, crescendo nos annos, é o feroz Andira quem derrubou o tacape, nuncio da proxima luta?

Incertos todos e mudos escutão:

— Andira, o velho Andira, bebeo mais sangue na guerra do que já beberão cauim nas festas de Tupan, todos quantos guerreiros allumia agora a luz de seus olhos. Elle vio mais combates em sua vida, do que luas lhe despirão a fronte. Quanto craneo de Potyuara escalpellou sua mão implacavel, antes que o tempo lhe arrancasse o primeiro cabello? E o velho Andira nunca temeo que o inimigo pisasse a terra de seus pais: mas alegrava-se quando elle vinha, e sentia com o faro da guerra a juventude renascer no corpo decrepito, como a arvore secca renasce com o sopro do inverno. A nação tabajára é prudente. Ella deve encostar o tacape da luta para tanger o memby da festa. Celebra, Irapuam, a vinda dos emboabas e deixa que

cheguem todos aos nossos campos. Então Andira te promette o banquete da victoria.

Desabrio emfim Irapuam a funda cholera:

— Fica tu, escondido entre as igaçabas de vinho, fica, velho morcego, porque temes a luz do dia, e só bebes o sangue da victima que dorme. Irapuam leva a guerra no punho de seo tacape. O terror que elle inspira vôa com o rouco som do boré. O Potyuára já tremeo ouvindo rugir na serra, mais forte que o ribombo do mar.

VI

Martim vai á passo e passo por entre os altos joareiros que cercão a cabana do Pagé.

Era o tempo em que o doce aracaty chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo arido sertão. A planta respira; um doce arrepio irriça a verde coma da floresta.

O christão contempla o occaso do sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o valle, penetra sua alma. Lembra-se do lugar onde nasceo, dos entes queridos que ali deixou. Sabe elle se tornará á ve-los algum dia?

Em torno carpe a natureza o dia que expira. Soluça a onda trepida e lacrimosa; geme a brisa na folhagem; o mesmo silencio anhela do afflicto.

Iracema parou em face do jovem guerreiro:

— E' a presença de Iracema que perturba a serenidade no rosto do estrangeiro?

Martim pousou brandos olhos na face da virgem:

— Não, filha de Araken: tua presença alegra, como a luz da manhã. Foi a lembrança da patria que trouxe a saudade ao coração presago.

— Uma noiva te espera?

O forasteiro desviou os olhos. Iracema dobrou a cabeça sobre a espadua, como a tenra palma da carnaúba, quando a chuva peneira na varsea.

— Ella não é mais doce do que Iracema, a virgem dos labios de mel; nem mais formosa! murmurou o estrangeiro.

— A flor da matta é formosa quando tem rama que a abrigue, e tronco onde se enlace. Iracema não vive n'alma de um guerreiro: nunca sentio a frescura de seo sorriso.

Emmudecerão ambos, com os olhos no chão, escutando a palpitação dos seios que batião oppressos.

A virgem fallou emfim:

— A alegria voltará logo á alma do guerreiro branco; porque Iracema quer que elle veja antes da noite a noiva que o espera.

Martim sorrio do ingenuo desejo da filha do Pagé.

— Vem! disse a virgem.

Atravessarão o bosque e descerão ao valle. Onde morria a falda da collina o arvoredo era basto: densa abobada de folhagem verde-negra cobria o adyto agreste, reservado aos misterios do ritho barbaro.

Era de jurema o bosque sagrado. Em torno corrião os troncos rugosos da arvore de Tupan; dos galhos pendião occultos pela rama escura os vasos do sacrificio: lastravão o chão as cinzas de extincto fogo, que servira á festa da ultima lua.

Autes de penetrar o recondito sitio, a virgem que conduzia o guerreiro pela mão, hesitou, inclinando o ouvido subtil aos suspiros da brisa. Todos os ligeiros rumores da mata tinhão uma voz para a selvagem filha do sertão. Nada havia porém de suspeito no intenso respiro da floresta.

Iracema fez ao estrangeiro um gesto de espera e silencio e desappareceo no mais sombrio do bosque. O sol ainda pairava suspenso no viso da serrania: e já noite profunda enchia aquella solidão.

Quando a virgem tornou, trazia n'uma folha gotas de verde extranho licôr vasadas da igaçaba,

que acabava de tirar do seio da terra. Apresentou ao guerreiro a taça agreste.

— Bebe!

Martim sentio perpassar nos olhos o somno da morte: porém logo a luz inundou os seios d'alma: a força exhuberou no coração. Reviveo os dias passados melhor do que os tinha vivido: fruio a realidade de suas mais bellas esperanças.

Ei-lo que volta á terra natal, abraça sua velha mãi, revê mais lindo e terno o anjo puro dos amores infantis.

Mas porque, mal de volta ao berço da patria, o jovem guerreiro de novo abandona o tecto paterno e demanda o sertão?

Já atravessa as florestas; já chega aos campos do Ipú. Busca na selva a filha do Pagé. Segue o rastro ligeiro da virgem arisca, soltando á brisa com o crebro suspiro o doce nome:

— Iracema! Iracema!...

Já a alcança e cinge-lhe o braço pelo talhe esbelto.

Cedendo a meiga pressão, a virgem reclinou ao peito do guerreiro, e ficou ali tremula e palpitante como a timida perdiz, quando o teron

companheiro lhe arrufa com o bico a macia penugem.

O labio do guerreiro suspirou mais uma vez o doce nome e soluçou, como se chamára outro labio amante. Iracema sentio que sua alma se escapava para embeber-se no osculo ardente.

E a fronte reclinava, e a flor do sorriso desabrochava já para deixar-se colher.

Subito a virgem tremeu; soltando-se rapida do braço que a cingia, travou do arco.

VII

Iracema passou entre as arvores, silenciosa como uma sombra: seu olhar scintillante coava entre as folhas, quaes frouxos raios de estrellas: ella escutava o silencio profundo da noite e aspirava as auras subtis que afflavão.

Parou. Uma sombra resvallava entre as ramas; e nas folhas crepitava um passo ligeiro, si não era o roer de algum insecto. A pouco e pouco o tenue rumor foi crescendo e a sombra avultou.

Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em face delle, tremula de susto e mais de cholera.

— Iracema! exclamou o guerreiro recuando.

— Anhanga turbou sem duvida o somno de Irapuam, que o trouxe perdido ao bosque da

jurema, onde nenhum guerreiro penetra sem a vontade de Araken.

— Não foi Anhanga, mas a lembrança de Iracema, que turbou o somno do primeiro guerreiro tabajara. Irapuam desceu de seu ninho de aguia para seguir na varzea a garça do rio. Chegou, e Iracema fugio de seus olhos. As vozes da taba contarão ao ouvido do chefe que um estrangeiro era vindo á cabana de Araken.

A virgem estremeceu. O guerreiro cravou nella o olhar abrazado:

— O coração aqui no peito de Irapuam, ficou tigre. Pulou de raiva. Veio farejando a presa. O estrangeiro está no bosque, e Iracema o acompanhava. Quero beber-lhe o sangue todo: quando o sangue do guerreiro branco correr nas veias do chefe tabajara, talvez o ame a filha de Araken.

A pupilla negra da virgem scintillou na treva, e de seu labio borbulhou como gotas do leite caustico da euphorbia, um sorriso de despreso:

— Nunca Iracema daria seu seio, que o espirito de Tupan habita só, ao guerreiro mais vil dos guerreiros tabajaras! Torpe é o morcego

porque foge da luz e bebe o sangue da victima adormecida!...

— Filha de Araken! Não assanha o jaguar! O nome de Irapuam vôa mais longe que o goaná do lago, quando sente a chuva além das serras. Que o guerreiro branco venha, e o seio de Iracema se abra para o vencedor.

— O guerreiro branco é hospede de Araken. A paz o trouxe aos campos do Ipú, a paz o guarda. Quem offender o estrangeiro, offende o Pagé.

Rugio de sanha o chefe tabajara:

— A raiva de Irapuam só ouve agora o grito da vingança. O estrangeiro vai morrer.

— A filha de Araken é mais forte que o chefe dos guerreiros, disse Iracema travando da inubia. Ella tem aqui a voz de Tupan, que chama o seu povo.

— Mas ella não chamará! respondeu o chefe escarnecendo.

— Não, porque Irapuam vae ser punido pela mão de Iracema. Seu primeiro passo, é o passo da morte.

A virgem retrahio d'um salto o avanço que tomara, e vibrou o arco. O chefe cerrou ainda o

punho do formidavel tacape; mas pela vez primeira sentio que pesava ao braço robusto. O golpe que devia ferir Iracema, ainda não alçado, já lhe trespassava, á elle proprio, o coração.

Conheceu quanto o varão forte, é pela sua mesma fortaleza, mais vencido das grandes paixões.

— A sombra de Iracema não esconderá sempre o estrangeiro á vingança de Irapuam. Vil é o guerreiro, que se deixa proteger por uma mulher.

Dizendo estas palavras, o chefe desappareceu entre as arvores. A virgem sempre alerta volveu para o christão adormecido; e velou o resto da noute a seu lado. As emoções recentes, que agitarão sua alma, a abrirão inda mais á doce affeição, que ião filtrando nella os olhos do estrangeiro.

Desejava abriga-lo contra todo o perigo, recolhe-lo em si como em um asylo impenetravel. Acompanhado o pensamento, seus braços cingião a cabeça do guerreiro, e a aper tavão ao seio.

Mas quando passou a alegria de ver o estrangeiro salvo dos perigos da noite, entrou-a

mais viva a inquietação, com a lembrança dos novos perigos que ião surgir.

— O amor de Iracema é como o vento dos areaes; mata a flor das arvores: suspirou a virgem.

E affastou-se lentamente.

VIII

A alvorada abrio o dia e os olhos do guerreiro branco. A luz da manhã dissipou os sonhos da noite: e arrancou de sua alma a lembrança do que sonhára. Ficou apenas um vago sentir, como fica na moita o perfume do cacto que o vento da serra desfolha na madrugada.

Não sabia onde estava.

A sahida do bosque sagrado encontrou Iracema: a virgem reclinava n'um tronco aspero do arvoredo: tinha os olhos no chão: o sangue fugira das faces; o coração lhe tremia nos labios, como gota de orvalho nas folhas do bambú.

Não tinha sorrisos, nem cores, a virgem indiana; não tem borbulhas, nem rosas, a acacia que o sol crestou; não tem azul, nem estrellas, a noite que enlutão os ventos.

— As flores da mata ja abrirão aos raios do

sol; as aves ja cantarão: disse o guerreiro. Porque só Iracema curva a fronte e emmudece?

A filha do Pagé estremeceu. Assim estremece a verde palma, quando a haste fragil foi abalada; rorejão do espato as lagrimas da chuva: e os leques cicião brandamente:

— O guerreiro Cauby vai chegar á taba de seus irmãos. O estrangeiro poderá partir com o sol que vem nascendo.

— Iracema quer ver o estrangeiro fora dos campos dos Tabajaras; então a alegria voltará ao seu seio.

— A júruty quando a arvore seca abandona o ninho em que nasceu. Nunca mais a alegria voltaár ao seio de Iracema: ella vai ficar, como o tronco nu, sem ramas, nem sombras.

Martim amparou o corpo tremulo da virgem; ella reclinou languida sobre o peito do guerreiro, como o tenro pampano da baunilha que enlaça o rijo galho do anjico.

O mancebo murmurou:

— Teo hospede fica, virgem dos olhos negros: elle fica para ver abrir em tuas faces a flor da alegria e para colher, como a abelha, o mel de teus labios.

Iracema soltou-se dos braços do mancebo, e olhou-o com tristesa:

— Guerreiro branco, Iracema é filha do Pagé, e guarda o segredo da jurema. O guerreiro que possuisse a virgem de Tupan morreria.

— E Iracema?

— Pois que tu morrias!...

Esta palavra foi sopro de tormenta. A cabeça do mancebo vergou e pendeu sobre o peito: mas logo se ergueo.

— Os guerreiros de meu sangue trasem a a morte comsigo, filha dos Tabajaras. Não a temem para si, não a poupão para o ennemigo. Mas nunca fora do combate elles deixarão aberto o camocim da virgem na taba de seu hospede. A verdade fallou pela boca de Iracema. O estrangeiro deve abandonar os campos dos Tabajaras.

— Deve: respondeu a virgem como um echo.

Depois a sua voz suspirou:

— O mel dos labios de Iracena é como o favo que a abelha fabrica no tronco da guabiroba: tem na doçura o veneno. A virgem dos olhos azues e dos cabellos do sol guarda para seu guerreiro na taba dos brancos o mel da assucena.

Martim affastou-se rapido, e voltou, mas lentamente. A palavra tremia em seu labio:

— O estrangeiro partirá para que o socego volte ao seio da virgem.

— Tu levas a luz dos olhos de Iracema, e a flor de sua alma.

Reboa longe na selva um clamor estranho. Os olhos do mancebo alongão-se.

— E' o grito de alegria do guerreiro Cauby: disse a virgem. O irmão de Iracena annuncia sua boa chegada aos campos dos Tabajaras.

— Filha de Arakem, guia teu hospede á cabana. E' tempo de partir.

Elles caminharão par á par como dois jovens cervos ao por do sol atravessão a capoeira recolhendo ao aprisco de onde lhes traz a brisa um faro suspeito.

Quando passavão entre os joazeiros, virão que atravessava alem o guerreiro Cauby, vergando os hombros robustos ao peso da caça. Iracema caminhou para elle.

O estrangeiro entrou só na cabana.

IX

O somno da manhã pousava nos olhos do Pagé como nevoas de bonança pairão ao romper do dia sobre as profundas cavernas da montanha.

Martim parou indeciso; mas o rumor de seu passo penetrou o ouvido do ancião, e abalou o corpo decrepito.

— Araken dorme! murmurou o guerreiro devolvendo o passo.

O velho ficou immovel:

— O Pagé dorme porque já Tupan voltou o rosto para a terra e a luz correu os máos espiritos da treva. Mas o somno é leve nos olhos de Araken, como o fumo do sapé no cocuruto da serra. Si o estrangeiro veio para o Pagé, falle; seu ouvido escuta.

— O estrangeiro veio, para te annunciar que parte.

— O hospede é senhor na cabana de Araken; todos os caminhos estão abertos para elle. Tupan o leve á taba dos seus.

Vierão Cauby e Iracema:

— Cauby voltou; disse o guerreiro tabajara. Traz a Araken o melhor de sua caça.

— O guerreiro Cauby é um grande caçador de montes e florestas. Os olhos de seu pai gostão de ve-lo.

O velho abrio as palpebras e cerrou-as logo:

— Filha de Araken, escolhe para teu hospede o presente da volta e prepara o moquem da viagem. Si o estrangeiro precisa de guia o guerreiro Cauby, senhor do caminho, o acompanhará.

O somno voltou aos olhos do Pagé.

Emquanto Cauby pendurava no fumeiro as peças de caça, Iracema colheu a sua alva rede de algodão com franjas de pennas, e accommodou-a dentro do urú de palha trançada.

Martim esperava na porta da cabana. A virgem veio para elle:

— Guerreiro, que levas o somno de meus olhos,

leva a minha rede tambem. Quando nella dormires, fallem em tua alma os sonhos de Iracema.

— A tua rede, virgem dos Tabajaras, será minha companheira no deserto: venha embora o vento frio da noite, ella guardará para o estrangeiro o calor e o perfume do seio de Iracema.

Cauby sahio para ir á sua cabana, que ainda não tinha visto depois da volta. Iracema foi preparar o moquem da viagem. Ficarão sós na cabana o Pagé que resonava, e o mancebo com a sua tristeza.

O sol transmontando, já começava a declinar para o occidente, quando o irmão de Iracema tornou da grande taba.

— O dia vai ficar triste, disse Cauby. A sombra já caminha para a noite. E' tempo de partir.

A virgem posou a mão de leve no punho da rede de Araken.

— Elle vai! murmurarão os labios tremulos.

O Pagé levantou-se em pé no meio da cabana e accendeu o cachimbo. Elle e o mancebo trocarão a fumaça da despedida:

— Bem ido seja o hospede, como foi bem vindo á cabana de Araken.

O velho andou até á porta, para soltar ao vento

uma espessa baforada de tabaco: quando o fumo a dissipou no ar, elle murmurou:

— Jurupary se esconda para deixar passar o hospede do Pagé.

Araken voltou á rede e dormio de novo. O mancebo tomou as suas armas mais pesadas que chegando suspendera as varas da cabana e se dispôz a partir.

Adiante seguio Cauby: a alguma distancia o estrangeiro: logo apoz delle Iracema.

Descerão a colina e entrarão na mata sombria. O sabiá do sertão, mavioso cantor da tarde, escondido nas moitas espessas da ubaia, soltava já os preludios da suave endeixa.

A virgem suspirou:

— A tarde é a tristeza do sol. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manhã, até que venha para ella a grande noite.

O mancebo se voltara. Seu labio emmudeceu, mas os olhos fallarão. Uma lagrima correu pela face guerreira, como as humidades que durante os ardores do estio transudão da escarpa dos rochedos.

Cauby avançando sempre, sumira-se entre a densa ramagem.

O seio da filha de Araken arfou, como o ésto da vaga que se franja de espuma, e soluçou. Mas sua alma, negra de tristura, teve ainda um pallido reflexo para illuminar a secca flôr das faces. Assim em noite escura vem um fogo fatuo luzir as brancas areias do taboleiro.

— Estrangeiro toma o ultimo sorriso de Iracema.... e foge!

A boca do guerreiro pousou na boca mimosa da virgem. Ficarão ambas assim unidas como dois fructos gemeos do araçá, que sahirão do seio da mesma flor.

A voz de Cauby chamou o estrangeiro. Iracema abraçou para não cahir o tronco de uma palmeira.

X

Na cabana silenciosa medita o velho Pagé.

Iracema está apoiada no tronco rudo, que serve de esteio. Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta e rasos de pranto, parece estão naquelles olhares longos e tremulos enfiando e desfiando os aljofares das lagrimas, que rorejão as faces.

A ará, pousada no giráo fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos. Desde que o guerreiro branco pisou a terra dos Tabajaras, Iracema a esqueceu.

Os roseos labios da virgem não se abrírão mais para que ella colhesse entre elles a polpa da fructa ou a papa do milho verde; nem a doce mão a affagara uma só vez, alisando a penugem dourada da cabeça.

Si repetia o mavioso nome da senhora, o sorriso de Iracema já não se voltava para ella, nem o ouvido parecia escutar a voz da companheira e amiga, que d'antes tão suave era ao seu coração.

Triste della! A gente tupy a chamava jandaia, porque sempre alegre estrugia os campos com seu canto fremente. Mas agora, triste e muda, desdenhada de sua senhora, não parecia mais a linda jandaia, e sim o feio urutáo que somente sabe gemer.

O sol remontou a umbría das serras; seus raios douravão apenas o viso das eminencias.

A surdina merencoria da tarde, que precede o silencio da noite, começava de velar os crebros rumores do campo. Uma ave nocturna, talvez illudida com a sombra mais expessa do bosque, desatou o estridulo.

O velho ergueu a fronte calva:

— Foi o canto da inhuma que accordou o ouvido de Araken? disse elle admirado.

A virgem estremecera; já fóra da cabana voltou-se para responder á pergunta do Pagé:

— E' o grito de guerra do guerreiro Cauby!

Quando o segundo pio da inhuma resoou,

Iracema corria na mata, como a corsa perseguida pelo caçador. Só respirou chegando á campina, que recortava o bosque, como um grande lago.

Quem seus olhos primeiro virão, Martim, estava tranquillamente sentado em uma sapopema, olhando o que passava ali. Contra, cem guerreiros tabajaras com Irapuam á frente, formavão arco. O bravo Cauby os affrontava á todos, com o olhar cheio de ira e as armas valentes empunhadas na mão robusta:

O chefe exigira a entrega do estrangeiro, e o guia respondera simplesmente:

— Matai Cauby, antes.

A filha do Pagé passára como uma flexa: ei-la diante de Martim oppondo tambem seu corpo gentil aos golpes dos guerreiros. Irapuam soltou o bramido da onça atacada na furna.

— Filha do Pagé, disse Cauby em voz baixa. Conduz o estrangeiro á cabana: só Araken póde salva-lo.

Iracema voltou-se para o guerreiro branco:

— Vem!

Elle ficou immovel.

— Si tu não vens, disse a virgem; Iracema morrerá comtigo.

Martim ergueu-se; mas longe de seguir a virgem, caminhou direito á Irapuam. A sua espada flamejou no ar.

— Os guerreiros do meu sangue, chefe, jámais recusárão combate. Si aquelle que tu vês não foi o primeiro a provoca-lo, é porque seus pais lhe ensinarão a não derramar sangue na terra hospedeira

O chefe tabajara rugio de alegria; sua mão possante brandio o tacape. Mas os dois campeões mal tiverão tempo de medir-se com os olhos; quando fendião o primeiro golpe, já Cauby e Iracema estavão entre elles.

A filha de Araken debalde rogava ao christão, debalde o cingia em seus braços buscando arranca-lo ao combate. De seu lado Cauby em vão provocava Irapuam para attrahir a si a raiva do chefe.

A um gesto de Irapuam, os guerreiros affastarão os dois irmãos; o combate proseguio.

De repente o rouco som da inubia reboou pela mata; os filhos da serra estremecêrão reconhecendo o estridulo do buzio guerreiro dos Pytiguaras, senhores das praias, encombradas de

coqueiros. O echo vinha da grande taba, que o ennemigo talvez assaltava já.

Os guerreirosprecipitarão, levando por deante o chefe. Com o estrangeiro só ficou a filha de Araken.

XI

Os guerreiros tabajaras, acorridos á taba, esperavão o ennemigo deante da caiçara.

Não vindo elles sahirão á busca-lo.

Baterão as matas em torno e percorrerão os campos; nem vestigios encontrarão da passagem dos Pytiguaras; mas o conhecido fremito do buzio das praias tinha resoado ao ouvido dos guerreiros da montanha; não havia duvidar.

Suspeitou Irapuam que fosse um ardil da filha de Araken para salvar o estrangeiro; e caminhou direito á cabana do Pagé. Como trota o guará pela orla da mata, quando vae seguindo o rastro da presa escápula, assim estugava o passo o sanhudo guerreiro.

Araken vio entrar em sua cabana o grande chefe da nação tabajara, e não se moveu. Sentado na rede, com as pernas cruzadas, escutava

Iracema. A virgem referia os successos da tarde: avistando a figura sinistra de Irapuam saltou sobre o arco, e unio-se ao flanco do jovem guerreiro branco.

Martim a affastou docemente de si, e promoveu o passo.

A protecção, de que o cercava a elle guerreiro a virgem tabajara, o desgostava.

— Araken, a vingança dos tabajaras espera o guerreiro branco; Irapuam veio busca-lo.

— O hospede é amigo de Tupan; quem offender o estrangeiro ouvirá rugir o trovão.

— O estrangeiro foi quem offendeu a Tupan, roubando a sua virgem, que guarda os sonhos da jurema.

— Tua boca mente como o ronco da jiboia: exclamou Iracema.

Martim disse:

— Irapuam é vil e indigno de ser chefe de guerreiros valentes!

O Pagé fallou grave e lento:

— Si a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de seu corpo, ella morrerá; mas o hospede de Tupan é sagrado; ninguem lhe tocará, todos o servirão.

Irapuam bramio; o grito rouco troou nas arcas do peito, como o fremito da sucury na profundeza do rio.

— A raiva de Irapuam não pode mais ouvir-te, velho Pagé! Caia ella sobre ti, si ousas subtrahir o estrangeiro a vingança dos Tabajaras.

O velho Andira, irmão do Pagé, entrou na cabana; trasia no punho o terrivel tacape e nos olhos uma raiva ainda mais terrivel.

— O morcego vem te chupar o sangue, si é que tens sangue e não mel nas veias, tu que ameaças em sua cabana o velho Pagé.

Araken affastou o irmão:

— Paz e silencio, Andira.

O Pagé desenvolvera a alta e magra estatura, como a caninana assanhada, que se enrista sobre a cauda, para affrontar a victima em face. As rugas affundarão; e repuxando as pelles engelhadas esbugalharão os dentes alvos e afilados:

— Ousa um passo mais, e as iras de Tupan te esmagarão sob o peso desta mão secca e mirrada!

— Neste momento, Tupan não é comtigo! replicou o chefe.

O Pagé rio; e o seu riso sinistro reboou pelo espaço como o regougo da ariranha.

— Ouve seu trovão, e treme em teu seio, guerreiro, como a terra em sua profundeza.

Araken proferindo essa palavra terrivel, avançou até o meio da cabana; ali ergueu a grande pedra e calcou o pé com força no chão: subito, abrio-se a terra. Do antro profundo sahio um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo.

Irapuam não tremeu, nem enfiou de susto; mas sentio turvar-se a luz nos olhos, e a voz nos labios.

— O senhor do trovão é por ti; o senhor da guerra, será por Irapuam.

O torvo guerreiro deixou a cabana; em pouco seu grande vulto mergulhou-se nas sombras do crepusculo.

O Pagé e seu irmão travarão a pratica na porta da cabana.

Martim ainda sorpreso do que vira, não tirava os olhos da funda cava, que a planta do velho Pagé abrira no chão da cabana. Um surdo rumor, como o echo das ondas quebrando nas praias, ruidava ali.

O guerreiro christão scismava; elle não podia crer que o Deus dos Tabajaras désse ao seu sacerdote tamanho poder.

Araken percebendo o que passava n'alma do estrangeiro, acendeu o cachimbo e travou do maracá:

— E' tempo de applacar as iras de Tupan, e calar a voz do trovão.

Disse e partio da cabana.

Iracema achegou-se então do mancebo; levava os labios em riso, os olhos em jubilo:

— O coração de Iracema está como o abati n'agua do rio. Ninguem fará mal ao guerreiro branco na cabana de Araken.

— Arreda-te do ennemigo, virgem dos Tabajaras; respondeu o estrangeiro com aspereza de voz.

Voltando brusco para o opposto lado, furtou o semblante aos olhos ternos e queixosos da virgem.

— Que fez Iracema, para que o guerreiro branco desvie seus olhos della, como si fora o verme da terra?

As fallas da virgem resoarão docemente no coração de Martim. Assim resoão os murmurios

da aragem nas frondes da palmeira. O mancebo sentio raiva de si, e pena della:

— Não ouves tu, virgem formosa? exclamou elle apontando para o antro fremente.

— E' a voz do Tupan!

— Teu Deus fallou pela boca do Pagé. « Si a virgem de Tupan abandonar ao estrangeiro a flor de seu corpo, ella morrerá!... »

Iracema pendeu a fronte abatida:

— Não é voz de Tupan que ouve teu coração, guerreiro de longe terras, é o canto da virgem branca, que te chama!

O rumor estranho que sahia das profundezas da terra, apagou-se de repente: fez-se na cabana tão grande silencio, que ouvia-se pulsar o sangue na arteria do guerreiro, e tremer o suspiro no labio da virgem.

XII

O dia ennegreceu; era noite já.

O Pagé tornára á cabana; sopesando de novo a grande lage, fechou com ella a boca do antro. Cauby chegára tambem da grande taba, onde com seus irmãos guerreiros se recolhera depois que baterão a floresta, em busca do ennemigo Pytiguara.

No meio da cabana, entre as redes armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira da carnauba, e sobre ella servio os restos da caça, e a provisão de vinhos da ultima lua. Só o guerreiro tabajara achou sabor na ceia, porque o fel do coração que a tristeza expreme não amargava seu labio.

O Pagé bebia no cachimbo o fumo sagrado de Tupan, que lhe enchia as arcas do peito: o

estrangeiro respirava ar as golfadas para refrescar-lhe o sangue effervescente; a virgem destillava sua alma como o mel de um favo, nos crebos soluços que lhe estalavão entre os labios tremulos.

Já partio Cauby para a grande taba; o Pagé traga as baforadas do fumo, que prepara o mysterio do sagrado rito.

Levanta-se no resomno da noite um grito vibrante, que remonta ao céo.

Martim ergue a fronte e inclina o ouvido. Outro clamor semelhante resoa. O guerreiro murmura, que o ouça a virgem e só ella:

— Escutou, Iracema, cantar a gaivota?

— Iracema escutou o grito de uma ave que ella não conhece.

— E' a atyaty, a garça do mar, e tú és a virgem da serra, que nunca desceu as alvas praias onde arrebentão as vagas.

— As praias são dos Pytiguaras, senhores das palmeiras.

Os guerreiros da grande nação que habitava as bordas do mar, se chamavão a si mesmos Pytiguaras, senhores dos valles; mas os Tabajaras, seus ennemigos, por escarneo os apellidavão Potyuaras, comedores de camarão.

Iracema não quiz offender o guerreiro branco; porisso fallando dos Pytiguaras, não lhes recusou o nome guerreiro que elles havião tomado para si.

O estrangeiro reteve por um instante a palavra no seu labio prudente, emquanto reflectia:

— O canto da gaivota é o grito de guerra do valente Poty, amigo de teu hospede!

A virgem estremeceu por seus irmãos. A fama do bravo Poty, irmão de Jacaúna, subio das ribeiras do mar as alturas da serra; rara é a cabana onde já não rugio contra elle o grito de vingança, porque em quasi todas o golpe de seu valido tacape deitou um guerreiro tabajara em seu camocim.

Iracema cuidou que Poty vinha á frente de seus guerreiros para livrar o amigo. Era elle sem dúvida que fizera retroar o buzio das praias, no momento do combate. Foi com um tom misturado de doçura e tristeza que replicou:

— O estrangeiro está salvo; os irmãos de Iracema vão morrer, porque ella não fallará.

— Saia essa tristeza de tua alma. O estrangeiro partindo-se de teus campos, virgem tabajara, não

deixará nelles rastro de sangue, como o tigre esfaimado.

Iracema tomou a mão do guerreiro branco e beijou-a.

— Teu sorriso, continúa elle; apagou a lembrança do mal que elles me querem.

Martim ergueu-se e marchou para a porta.

— Onde vai o guerreiro branco?

— Adiante de Poty.

— O hospede de Araken não póde sahir desta cabana, porque os guerreiros de Irapuam o matarão.

— Um guerreiro só deve protecção á Deos e a suas armas. Não carece que o deffendão os velhos e as mulheres.

— Não vale um guerreiro só contra mil guerreiros; valente e forte é o tamanduá, que mordem os gatos selvagens por serem muitos e o acabão. Tuas armas só chegão até onde mede a sombra de teu corpo; as armas delles voão alto e direito como o anajê.

— Todo o guerreiro tem seu dia.

— Não queres tu que morra Iracema, e queres que te ella deixe morrer!

Martim ficou perplexo:

— Iracema irá ao encontro do chefe Pytiguara e trará á seu hospede as fallas do guerreiro amigo.

O Pagé sahio emfim de sua contemplação. O maracá rugio-lhe na dextra; tinirão os guisos com o passo hirto e lento.

Chamou elle a filha de parte :

— Si os guerreiros de Irapuam vierem contra a cabana, levanta a pedra e esconde o estrangeiro no seio da terra.

— O hospede não deve ficar só; espera que volte Iracema. Ainda não cantou a inhuma.

Tornou á sentar na rede, o velho. A virgem partio, cerrando a porta da cabana.

XIII

Avança a filha de Araken nas trevas; pára e escuta.

O grito da gaivota terceira vez resoa ao seu ouvido; ella vai direito ao lugar d'onde partio; chega á borda de um tanque; seu olhar investiga a escuridão, e nada vê do que busca.

A voz maviosa, debil como susurro de colibri, resoa no silencio:

— Guerreiro Poty, teu irmão branco te chama pela boca de Iracema.

Só o éco respondeu-lhe:

— A filha de teus ennemigos vem a ti, porque o estrangeiro te ama, e ella ama o estrangeiro.

A lisa face do lago fendeu-se; e um vulto se mostra, que nada para a margem, e surge fóra.

— Foi Martim, quem te mandou, pois tu sabes o nome de Poty, seu irmão na guerra.

— Falla, chefe Pytiguara; o guerreiro branco espera.

— Torna á elle e diz que Poty é chegado para o salvar.

— Elle sabe; mandou-me á ti para ouvir.

— As fallas de Poty sahirão de sua boca para o ouvido de seu irmão branco.

— Espera então que Araken parta e a cabana fique deserta; eu te guiarei a presença do estrangeiro.

— Nunca, filha dos Tabajaras, um guerreiro Pytiguara passou a soleira da cabana ennemiga, si não foi como vencedor. Conduz aqui o guerreiro do mar.

— A vingança de Irapuam fareja em roda da cabana de Araken. Trouxe o irmão do estrangeiro bastantes guerreiros Pytiguaras para o deffender e salvar?

Poty reflectio:

— Conta, virgem das serras, o que aconteceu em teus campos depois que a elles chegou o guerreiro do mar.

Iracema referio como a cholera de Irapuam se

havia assanhado contra o estrangeiro, até que a voz de Tupan, chamada pelo Pagé, tinha apasiguado seu furor:

— A raiva de Irapuam é como a andira; foge da luz e voa na treva.

A mão de Poty cerrou subito os labios da virgem; sua falla parecia um sopro:

— Suspende a voz e o respiro, virgem das florestas; o ouvido ennemigo escuta na sombra.

As folhas crepitavão de manso, como si por ellas passasse a fragueira nambú. O rumor partido da orla da mata, vinha discorrendo pelo valle.

O valente Poty, resvallando pela relva, como o ligeiro camarão, de que elle tomara o nome e a vivesa, desappareceu no lago profundo. A agua não soltou um murmurio, e cerrou sobre elle sua limpida onda.

Iracema voltou á cabana; em meio do caminho seus olhos perceberão as sombras de muitos guerreiros que rojavão pelo chão como a intanha.

Araken vendo-a entrar, partio.

A virgem tabajara contou a Martim o que ouvira de Poty; o guerreiro christão ergueu-se

de um impeto para correr a defesa de seu irmão Pytiguara. Cingio-lhe, o collo Iracema com os lindos braços:

— O chefe não carece de ti; elle é filho das aguas; as aguas o protegem. Mais tarde o estrangeiro ouvirá em seus ouvidos as fallas amigas.

— Iracema, é tempo que teu hospede deixe a cabana do Pagé e os campos dos Tabajaras. Elle não tem medo dos guerreiros de Irapuam, tem medo dos olhos da virgem de Tupan.

— Elles fugirão de ti.

— Fuja delles o estrangeiro, como o oitibò da estrella da manhã.

Martim promoveu o passo.

— Vae, guerreiro ingrato; vae matar teu irmão primeiro, depois a ti. Iracema te seguirá até os campos alegres onde vão as sombras dos que forão.

— Matar meu irmão, dizes tu, virgem cruel?

— Teu rastro guiará o ennemigo aonde elle se occulta.

O christão estacou em meio da cabana; e ali permaneceu mudo e quedo. Iracema receiosa de fita-lo, tinha os olhos postos na sombra do

guerreiro, que a chamma do fogo projectava na vetusta parede da cabana.

O cão felpudo, deitado no borralho, deu signal de que se aproximava gente amiga. A porta entretecida dos talos de carnaúba foi aberta por fóra. Cauby entrou.

— O cauim perturbou o espirito dos guerreiros; elles vem contra o estrangeiro.

A virgem ergue-se de um impeto:

— Levanta a pedra que fecha a garganta de Tupan, para que ella esconda o estrangeiro.

O guerreiro tabajara, sopesando a lage enorme, emborcou-a no chão.

— Filho de Araken, deita na porta da cabana, e mais nunca te levantes da terra, si um guerreiro passar por cima de teu corpo.

Cauby obedeceu: a virgem cerrou a porta.

Decorreu breve tracto. Resoa perto o estrupido dos guerreiros; travão-se as vozes iradas de Irapuam e Cauby.

— Elles vêm; mas Tupan salvará seu hospede.

Nesse instante, como si o Deus do Trovão ouvisse as palavras de sua virgem, o antro mudo em principio retroou surdamente:

— Ouve! E' a voz de Tupan.

Iracema cerra a mão do guerreiro, e o leva á borda do antro. Somem-se ambos nas entranhas da terra.

XIV

Os guerreiros tabajaras, excitados com as copiosas libações do espumante cauim, se inflammão á voz de Irapuam, que tantas vezes os guiou ao combate,quantas á victoria.

Aplaca o vinho a sêde do corpo; accende outra sêde maior na alma feroz. Rugem vingança contra o estrangeiro audaz que affrontando suas armas, offende o Deus de seus paes, e o chefe da guerra, o primeiro varão tabajara.

Lá tripudião de furor, e arremettem pelas sombras; a luz vermelha do ubiratan, que brilha ao longe, os guia a cabana de Araken. De espaço em espaço erguem-se do chão os que primeiro vierão para vigiar o ennemigo.

— O Pagé está na floresta! murmurão elles.

— O estrangeiro? pergunta Irapuam.

— Na cabana com Iracema.

O grande chefe lança o terrivel salto; já é chegado a porta da cabana, e com elle seus valentes guerreiros.

O vulto de Cauby enche o vão da porta; suas armas guardão deante delle o espaço de um bote do maracajá;

— Vis guerreiros são aquelles que atacão em bando como os caetetús. O jaguar, senhor da floresta, e o anajê, senhor das nuvens, combatem só o ennemigo.

— Morda o pó a boca torpe que levanta a voz contra o mais valente guerreiro dos guerreiros tabajaras.

Proferidas estas palavras, ergue o braço de Irapuam o rigido tacape, mas estaca no ar; as entranhas da terra outra vez rugem, como rugirão, quando Araken acordou a voz tremenda de Tupan.

Levantão os guerreiros medonho alarido; e cercando seu chefe o arrebatão ao funesto lugar e á cholera de Tupan, contra elles concitado.

Cauby estende-se de novo na soleira da porta; seus olhos adormecem; mas seu ouvido vella no somno.

A voz de Tupan emmudeceu.

Iracema e o christão perdidos nas entranhas da terra, descem a gruta profunda. Subito uma voz que vinha reboando pela crasta, encheu seus ouvidos:

— O guerreiro do mar escuta a falla de seu irmão?

— E' Poty, o amigo de teu hospede: disse o christão para a virgem.

Iracema estremeceu:

— Elle falla pela boca de Tupan.

Martim respondeu emfim ao Pytiguara.

— As fallas de Poty entrão n'alma de seu irmão.

— Nenhum outro ouvido escuta?

— Os da virgem que duas vezes em um sol deffendeu a vida de teu irmão!

— A mulher é fraca; o tabajara traidor; e o irmão de Jacaúna prudente.

Iracema suspirou: e pousou a cabeça no peito do mancebo:

— Senhor de Iracema, cerra seus ouvidos, para que ella não ouça.

Martim repellio docemente a gentil fronte:

— Falle o chefe Pytiguara; só o escutão ouvidos amigos e fieis.

— Tu ordenas, Poty falla. Antes que o sol se levante na serra, o guerreiro do mar deve partir para as margens do ninho das garças; a estrella morta o guiará as alvas praias. Nenhum tabajara o seguirá, porque a innbia dos Pytiguaras rugirá da banda da serra.

— Quantos guerreiros Pytiguaras acompanhão seu chefe valente?

— Nenhum; Poty veio só, com suas armas. Quando os espiritos maus da floresta separarão o guerreiro do mar de seu irmão, Poty veio em seguimento do rastro. Seu coração não deixou que voltasse para chamar os guerreiros de sua taba; mas expedio seu cão fiel ao grande Jacaúna.

— O chefe Pytiguar está só; não deve rugir a inubia que chamará contra si todos os guerreiros tabajaras.

— E' preciso para salvar o irmão branco; Poty zombará de Irapuam, como zombou quando combatião cem contra ti.

A filha do Pagé que ouvira callada, debruçou-se ao ouvido do christão:

— Iracema quer te salvar e a teu irmão; ella tem seu pensamento. O chefe Pytiguara é va-

lente e audaz; Irapuam é manhoso e traiçoeiro como a acauan. Antes que chegues á floresta, cahirás; e teu irmão da outra banda cahirá comtigo.

— Que fará a virgem tabajara para salvar o estrangeiro e seu irmão? perguntou Martim·

— Mais um sol e outro, e a lua das flôres vae nascer. E o tempo da festa, em que os guerreiros tabajaras passão a noite no bosque sagrado, e recebem do Pagé os sonhos alegres. Quando estiverem todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos do Ipú, e os olhos de Iracema, mas não sua alma.

Martim estreitou a virgem ao seio; mas logo a repellio. O toque de seu corpo, doce como a assucena da mata, e quente como o ninho do beijaflôr, espinhou seu coração; porque lhe recordou as palavras terriveis do Pagé.

A voz do christão disse á Poty o pensamento de Iracema; o chefe Pytiguara, prudente como o tamanduá, pensou e respondeu:

— A sabedoria fallou pela boca da virgem tabajara. Poty espera o nascimento da lua.

XV

Nasceu o dia e expirou.

Já brilha na cabana de Araken o fogo, companheiro da noite. Correm lentas e silenciosas no azul do céo, as estrellas, filhas da lua, que esperão a volta de sua mãe ausente.

Martim se embala docemente; e como a alva rêde que vae e vem, sua vontade oscilla de um á outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos affectos; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores.

Iracema recosta-se langue ao punho da rêde; seus olhos negros e fulgidos, ternos olhos de sabiá, buscão o estrangeiro, e lhe entrão n'alma. O christão sorri; a virgem palpita; como o sahy, fascinado pela serpente, vae declinando o lascivo talhe, que se prostra sobre o peito do guerreiro.

Já o estrangeiro a preme ao seio; e o labio avido busca o labio que o espera, para celebrar nesse adyto d'alma, o hymeneo do amor.

No recanto escuro o velho Pagé, immerso em sua contemplação e alheio ás cousas deste mundo, soltou um gemido doloroso. Pressentira o coração o que não virão os olhos? Ou foi algum funesto presagio para a raça de seus filhos, que assim echoou n'alma de Araken?

Ninguem o soube.

O christão repellio do seio a virgem indiana. Elle não deixará o rastro da desgraça na cabana hospedeira. Cerra os olhos para não vêr; e enche sua alma com o nome e a veneração do seu Deus:

— Christo!... Christo!...

A serenidade volta ao seio do guerreiro branco, mas todas as vezes que seu olhar pousa sobre a virgem tabajara, elle sente correr-lhe pelas veias uma centelha de ardente chamma. Assim quando a creança imprudente revolve o brasido de intenso fogo, saltão as faúlhas inflamadas que lhe queimão o corpo.

Fecha os olhos o christão, mas na sombra de

seu pensamento surge a imagem da virgem, talvez mais bella. Em balde chama elle o somno ás palpebras fatigadas; ellas se abrem, máo grado seu.

Desce-lhe do céo ao atribulado pensamento uma inspiração:

— Virgem formosa do sertão, esta é a ultima noite que teu hospede dorme na cabana de Araken, onde nunca viera, para teu bem e seu. Faze que seu somno seja alegre e feliz.

— Manda; Iracema te obedece. Que póde ella para tua alegria?

O christão fallou submisso, para que não o ouvisse o velho Pagé:

— A virgem de Tupam guarda os sonhos da jurema que são doces e saborosos!

Um triste sorriso pungio os labios de Iracema:

— O estrangeiro vae viver para sempre á cintura da virgem branca; nunca mais seus olhos verão a filha de Araken; e elle quer que o somno já feche suas palpebras, e o sonho o leve á terra de seus irmãos!

— O somno é o descanço do guerreiro, disse Martim; e o sonho a alegria d'alma. O estrangeiro não quer levar comsigo a tristeza da

terra hospedeira, nem deixa-la no coração de Iracema!

A virgem ficou immovel.

— Vae, e torna com o vinho de Tupan.

Quando Iracema foi de volta, já o Pagé não estava na cabana; tirou do seio o vaso que ali trazia occulto sob a carioba de algodão entretecida de pennas. Martim lh'o arrebatou das mãos, e libou as gotas poucas do verde e amargo licor. Não tardou que a rêde recebesse seu corpo desfallecido.

Agora podia viver com Iracema, e colher nos seus labios o beijo, que ali viçava entre sorrisos, como o fructo na corolla da flôr. Podia ama-la, e sugar desse amor o mel e o perfume, sem deixar veneno no seio da virgem.

O goso era vida, pois o sentia mais vivo e intenso; o mal era sonho e illusão, que da virgem elle não possuia mais que a imagem.

Iracema se affastara oppressa e suspirosa.

Abrirão-se os braços do guerreiro e seus labios; o nome da virgem resoou docemente.

A juruty, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro; bate as asas, e vôa á conchegar-se ao tepido ninho. Assim a

virgem do sertão, aninhou-se nos braços do guerreiro.

Quando veio á manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual borboleta que dormio no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante accendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóes da manhã scintilla o primeiro raio do sol, em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruido amor.

Martim vendo a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torna-los á abrir.

A pocema dos guerreiros, troando pelo valle, o arrancou ao doce engano: sentio que já não sonhava, mas vivia. Sua mão cruel abafou nos labios da virgem o beijo que ali se espanejava.

— Os beijos de Iracema, são doces no sonho; o guerreiro branco encheu delles sua alma. Na vida, os labios da virgem de Tupan, amargão e doem como o espinho da jurema.

A filha de Araken escondeu no coração a sua alegria. Ficou timida e inquieta, como a ave que pressente a borrasca no horisonte. Affastou-se rapida, e partiu.

As aguas do rio depurarão o corpo casto da recente esposa.

A jandaia não tornou á cabana.

Tupan já não tinha sua virgem na terra dos Tabajaras.

XVI

O alvo disco da lua surgio no horisonte.

A luz brilhante do sol empallidece a virgem do céo, como o amor do guerreiro desmaia a face da esposa.

— Jacy!... Mãe nossa!... exclamarão os guerreiros tabajaras.

E brandindo os arcos lançarão ao céo com a chuva das flexas o canto da lua nova:

« Veio no céo a mãe dos guerreiros; já volta o rosto para ver seus filhos. Ella traz as aguas, que enchem os rios e a polpa do cajú.

« Já veio a esposa do sol; já sorri as virgens da terra, filhas suas. A doce luz accende o amor no coração dos guerreiros e fecunda o seio da jovem mãe. »

Cahe a tarde.

Folgão as mulheres e os meninos na vasta ocara; os mancebos, que ainda não ganharão nome de guerra por algum feito brilhante, discorrem no valle.

Os guerreiros seguem Irapuam ao bosque sagrado, onde os espera o Pagé e sua filha para o mysterio da jurema. Iracema já accendeu os fogos da alegria. Araken está immovel e extatico no seio de uma nuvem de fumo.

Cada guerreiro que chega depõe á seus pés uma offerenda a Tupan. Traz um a succulenta caça; outro a farinha d'agua; aquelle, o saboroso piracem da trahira. O velho Pagé, para quem são estas dadivas, as recebe com desdem.

Quando forão todos sentados em torno do grande fogo, o ministro de Tupan ordena o silencio com um gesto, e tres vezes clamando o nome terrivel, enche-se do Deus, que o habita:

— Tupan!... Tupan!... Tupan!...

Tres vezes o echo ao longe repercutio.

Vem Iracema com a igacaba cheia do verde licor. Araken decreta os sonhos á cada guerreiro, e destribue o vinho da jurema, que transporta ao céo o valente tabajara.

Este, grande caçador, sonha que os veados e

as pacas correm ao deante de suas flexas para se traspassarem nellas; fatigado alfim de ferir cava na terra o bucan, e assa tamanha quantidade de caça, que mil guerreiros em um anno não acabarão.

Outro, fogoso em amores, sonha que as mais bellas virgens dos tabajaras deixão a cabana de seus paes e o seguem captivas de seu querer. Nunca a rêde de chefe algum embalou mais voluptuosas caricias, que elle as frue naquelle extase.

O heroe, sonha tremendas lutas, e horriveis combates, de que sahe vencedor, cheio de gloria e fama. O velho renasce, na prole numerosa, e como o secco tronco, donde rebenta nova e robusta sebe, cobre-se ainda de flôres.

Todos sentem a felicidade tão viva e continua, que no espaço da noite cuidão viver muitas luas. As bocas murmurão; o gesto falla; e o Pagé, que tudo escuta e vê, colhe o segredo das almas desnudas.

Iracema, depois que offereceu aos guerreiros o licor de Tupan, sahio do bosque. Não permittia o ritho que ella assistisse ao somno dos guerreiros e ouvisse fallar os sonhos.

Foi d'ali direito á cabana, onde a esperava Martim.

— Toma as tuas armas, guerreiro branco. E' tempo de partir.

— Leva-me onde está Poty, meu irmão.

A virgem caminhou para o valle; o christão a seguio. Chegarão á falda do rochedo, que ia morrer á beira do tanque, em um massiço de verdura.

— Chama teu irmão!

Martim soltou o grito da gaivota. A pedra que fechava a entrada da gruta cahio; e o vulto do guerreiro Poty appareceu na sombra.

Os dois irmãos encostarão a fronte na fronte e o peito no peito, para exprimir que não tinhão ambos mais que uma cabeça e um coração.

— Poty está contente porque vê seu irmão, que o máo espirito da floresta arrebatou de seus olhos.

— Feliz é o guerreiro que tem ao flanco um amigo como o bravo Poty; todos os guerreiros o invejarão.

Iracema suspirou, pensando que a affeição do Pytiguará bastava á felicidade do estrangeiro:

— Os guerreiros tabajaras dormem. A filha de Araken vae guiar os estrangeiros.

A virgem seguio adeante; os dois guerreiros apoz. Quando tinhão andado o espaço que transpõe a garça de um vôo, o chefe Pytiguara tornou-se inquieto; e murmurou ao ouvido do christão:

— Manda á filha do Pagé que volte á cabana de seu pae. Ella demora a marcha dos guerreiros.

Martim entristeceu; mas a voz da prudencia e da amizade penetrou em seu coração. Avançou para Iracema; e tirou do seio uma voz doce para acalentar a saudade da virgem:

— Mais affunda a raiz da planta na terra, mais custa a arranca-la. Cada passo de Iracema no caminho da partida, é uma raiz que lança no coração de seu hospede.

— Iracema quer te acompanhar até onde acabão os campos dos Tabajaras, para voltar com o socego em seu peito.

Martim não respondeu. Continuarão á caminhar, e com elles caminhava a noite; as estrellas desmaiarão; e a frescura da alvorada alegrou a floresta. As roupas da manhã, alvas como o algodão, apparecerão no céo.

Poty olhou a mata e parou. Martim comprehendeu e disse á Iracema:

— Teu hospede já não pisa os campos dos Tabajaras. E' o instante de separar-te delle.

XVII

Iracema pousou a mão no peito do guerreiro branco:

— A filha dos Tabajaras já deixou os campos de seus paes; agora póde fallar.

— Que guardas tu em teu seio, virgem formosa do sertão?

Ella pôz os olhos cheios no christão:

— Iracema não póde mais separar-se do estrangeiro.

— Assim é preciso, filha de Araken. Torna á cabana de teu velho pae, que te espera.

— Araken já não tem filha.

Martim tornou com gesto rudo e severo:

— Um guerreiro da minha raça jámais deixou a cabana do hospede, viuva de sua alegria. Araken abraçará sua filha, para não amaldiçoar o estrangeiro ingrato.

A virgem pendeu a fronte; velando-se com as longas tranças negras que se esparsião pelo collo, cruzando ao gremio os lindos braços, recolheu em seu pudor. Assim o roseo cacto, que já desabrochou em formosa flôr, cerra em botão o seio perfumado.

— Tua escrava te acompanhará, guerreiro branco; porque teu sangue dorme em seu seio.

Martim estremeceu.

— Os máos espiritos da noite turbarão o espirito de Iracema.

— O guerreiro branco sonhava, quando Tupan abandonou sua virgem, porque ella trahio o segredo da jurema.

O christão escondeu as faces á luz.

— Deus!... clamou seu labio tremulo.

Permanecerão ambos mudos e quedos.

Afinal disse Poty:

— Os guerreiros tabajaras despertão.

O coração da virgem como o do estrangeiro, ficou surdo á voz da prudencia. O sol levantou-se no horisonte; e seu olhar magestoso desceu dos montes a floresta. Poty de pé como um tronco decepado esperou que seu irmão quizesse partir.

Foi Iracema quem primeiro fallou:

— Vem; emquanto não pisares as praias dos Pytiguaras, tua vida corre perigo.

Martim seguio silencioso a virgem, que fugia entre as arvores, como a selvagem acoty. A tristeza lhe roía o coração; mas a onda de perfumes que deixava na brisa a passagem da formosa tabajara, açulava o amor no seio do guerreiro. Seu passo era tardo, o peito lhe offegava.

Poty scismava. Em sua cabeça de mancebo morava o espirito de um abaetê. O chefe pytiguara pensava que o amor é como o cauim, o qual bebido com moderação fortalece o guerreiro, e tomado em excesso abate a coragem do heróe. Elle sabia quanto veloz era o pé do tabajara; e esperava o momento de morrer deffendendo o amigo.

Quando as sombras da tarde entristecião o dia, o christão parou no meio da mata. Poty accendeu o fogo da hospitalidade. A virgem desdobrou a alva rêde de algodão franjada de pennas de tucano e suspendeu-a aos ramos de arvore.

— Esposo de Iracema, tua rêde te espera.

A filha de Araken foi sentar-se longe, na raiz de uma arvore, como a cerva solitaria, que o

ingrato companheiro afugentou do aprisco. O guerreiro pytiguara desappareceu na espessura da folhagem.

Martim ficou mudo e triste, semelhante ao tronco d'arvore á que o vento arrancou o lindo cipó que o entrelaçava. Á brisa perpassando levou um murmurio:

— Iracema!...

Era o balido do companheiro; a cerva arrufando-se ganhou o doce aprisco.

A floresta destillava suave frangancia e exhalava harmoniosos arpejos; os suspiros do coração se deffundirão nos murmures do deserto. Foi a festa do amor, e o canto do hymeneo.

Já a luz da manhã coou na selva densa. A voz grave e sonora de Poty repercutio no susurro da mata:

— O povo tabajara caminha na floresta!

Iracema arrancou-se dos braços que a cingião e mais do labio que a tinha captiva: saltando da rede como a rapida zabelê, travou das armas do esposo, e levou-o atravez da mata.

De espaço á espaço o prudente Poty escutava as entranhas da terra; sua cabeça movia-se pe-

sada de um a outro lado, como a nuvem que se embalança no cocuruto do rochedo, aos varios lufos da proxima borrasca.

— O que escuta o ouvido do guerreiro Poty?

— Escuta o passo veloz do povo tabajara. Elle vem como o tapyr, rompendo a floresta.

— O guerreiro pytiguara é a ema que vôa sobre a terra; nós o seguiremos, como suas asas; disse Iracema.

O chefe sacodio de novo a fronte:

— Emquanto o guerreiro do mar dormia, o ennemigo correu. Os que primeiro partirão já avanção além como as pontas do arco.

A vergonha mordeu o coração de Martim:

— Fuja o chefe Poty e salve Iracema. Só deve morrer o guerreiro máo, que não escutou a voz de seu irmão e o pedido de sua esposa.

Martim arripiou o passo.

— A alma do guerreiro branco não escutou sua boca. Poty e seu irmão só tem uma vida.

O labio de Iracema não fallou; sorrio.

XVIII

Treme a selva com o estrupido da carreira do povo tabajara.

O grande Irapuam, primeiro, assoma entre as arvores. Seu olhar rubido vio o guerreiro branco entre nuvem de sangue; o grito rouco do tigre rompe de seu peito cavernoso.

O chefe tabajara, e seu povo, vão precipitar sobre os fugitivos, como a vaga encapelada que arrebenta no Mocoribe.

Eis late o cão selvagem.

Poty solta o grito da alegria:

— O cão de Poty guia os guerreiros de sua taba em soccorro teu.

O rouco buzio dos Pytiguaras estruge pela floresta. O grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chegava do rio das garças com seus melhores guerreiros.

Os Pytiguaras recebem o primeiro impeto do ennemigo nas pontas erriçadas de suas flechas, que elles despedem do arco aos molhos, como o coandú os espinhos de seu corpo. Logo apoz sôa a pocema, estreita-se o espaço, e a luta se trava face a face.

Jacaúna atacou Irapuam. Prosegue o horrivel combate que bastára á dez bravos, e não esgotou ainda a força dos grandes chefes. Quando os dois tacapes se encontrão, a batalha toda estremece como um só guerreiro até as entranhas.

O irmão de Iracema veio direito ao estrangeiro, que arrancara a filha de Araken á cabana hospedeira; o faro da vingança o guia; a vista da irmã assanha a raiva em seu peito. O guerreiro Cauby assalta com furor o ennemigo.

Iracema, unida ao flanco de seu guerreiro e esposo, vio de longe Cauby e fallou assim:

— Senhor de Iracema, ouve o rogo de tua escrava; não derrama o sangue do filho de Araken. Si o guerreiro Cauby tem de morrer, morra elle por esta mão, não pela tua.

Martim pôz no rosto da selvagem olhos de horror:

— Iracema matará seu irmão?

— Iracema antes quer que o sangue de Cauby tinja sua mão que a tua; porque os olhos de Iracema vêem á ti, e á ella não.

Travão a luta os guerreiros. Cauby combate com furor; o christão deffende-se apenas; mas a seta embebida no arco da esposa guarda a vida do guerreiro contra os botes do ennemigo.

Poty já prostrou o velho Andira e quantos guerreiros topou na luta seu valido tacape. Martim lhe abandona o filho de Araken, e corre sobre Irapuam.

— Jacaúna é um grande chefe; seu collar de guerra dá tres voltas ao peito. O tabajara pertence ao guerreiro branco.

— A vingança é a honra do guerreiro, e Jacauna ama o amigo de Poty.

O grande chefe Pytiguar levou além o formidavel tacape. O combate renhio-se entre Irapuam e Martim. A espada do christão, batendo na clava do selvagem, fez-se pedaços. O chefe tabajara avançou contra o peito inerme do adversario.

Iracema silvou como a boicininga, e se arremessou ante a furia do guerreiro tabajara. A

arma rigida tremeu na dextra possante e o braço cahio desfallecido.

Soava a pocema da victoria. Os guerreiros pytiguaras conduzidos por Jacaúna e Poty varrião a floresta. Os tabajaras, fugindo, arrebatarão seu chefe ao odio da filha de Araken que o podia abater, como a jandaia abate o procero coqueiro roendo-lhe o cerne.

Os olhos de Iracema estendidos pela floresta, virão o chão juncado de cadaveres de seus irmãos; e longe o bando dos guerreiros tabajaras que fugia em nuvem negra de pó. Aquelle sangue que enrubecia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia as faces de vergonha.

O pranto orvalhou seu lindo semblante.

Martim affastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema. Deixou que sua dôr núa se banhasse nas lagrimas.

XIX

Poty voltou de perseguir o innemigo. Seus olhos se encherão de alegria vendo salvo o guerreiro branco.

O cão fiel o seguia de perto, lambendo ainda nos pellos do foucinho, a marugem do sangue tabajara, de que se fartára; o senhor o acariciava satisfeito de sua coragem e dedicação. Fôra elle quem salvára Martim, ali trazendocom tanta deligencia os guerreiros de Jacaúna.

— Os máos espiritos da floresta podem separar outra vez o guerreiro branco de seu irmão Pytiguara. O cão te seguirá daqui em deante, para que mesmo de longe Poty acuda á teu chamado.

— Mas o cão é teu companheiro e amigo fiel.

— Mais amigo e companheiro será de Poty, servindo a seu irmão que a elle. Tu o chamarás Japy; e elle será o pé ligeiro com que de longe corramos um para o outro.

Jacaúna deu o signal da partida.

Os guerreiros pytiguaras caminharão para as margens alegres do rio onde bebem as garças: ali se erguia a grande taba dos senhores das varzeas.

O sol deitou-se, e de novo se levantou no céo. Os guerreiros chegarão aonde a serra quebrava para o sertão; já tinhão passado aquella parte da montanha, que por ser despida de arvoredo e tosquiada como a capivara, a gente de Tupan chamava Ibyapina.

Poty levou o christão aonde crescia um frondoso jatobá, que affrontava as arvores do mais alto pincaro da serrania, e quando batido pela rajada parecia varrer o céo com a immensa copa.

— Neste lugar nasceu teu irmão, disse o pytiguara; Martim estreitou o peito ao tronco enorme:

— Jatobá, que viste nascer meu irmão Poty, o estrangeiro te abraça.

— O raio te decepe, arvore do guerreiro Poty, quando seu irmão o abandonar.

Depois o chefe assim fallou:

— Ainda Jacaúna não era um guerreiro. Jatobá, o maior chefe, conduzia os Pytiguaras á victoria. Logo que as grandes aguas correrão, elle caminhou para a serra. Aqui chegando, mandou levantar a taba, para estar perto do innemigo e vencê-lo mais vezes. A mesma lua que o vio chegar, alumiou a rêde onde Sahy sua esposa, lhe deu mais um guerreiro de seu sangue. O luar passava por entre as folhas do jatobá; e o sorriso pelos labios do varão possante, que tomara seu nome e robustez.

Iracema aproximou-se.

A rôla, que marisca na areia, si afasta-se o companheiro, adeja inquieta de ramo em ramo e arrulla para que lhe responda o ausente amigo. Assim a filha das florestas errara pela encosta, modulando o singelo canto mavioso.

Martim a recebeu com a alma no semblante; e levando a esposa do lado do coração e o amigo do lado da força, voltou ao rancho dos pytiguaras.

XX

A lua cresceu.

Tres sóes havia que Martim e Iracema estavão nas terras dos Pytiguaras, senhores das margens do Camocim e Acaraù. Os estrangeiros tinhão sua rêde na vasta cabana do grande Jacaúna. O valente chefe guardou para si a alegria de hospedar o guerreiro branco.

Poty abandonou sua taba, para acompanhar seu irmão de guerra na cabana de seu irmão de sangue, e gosar dos instantes que sobejavão do amor de Iracema para a amisade, no coração do guerreiro do mar.

A sombra já se retirou da face da terra: e Martim vio que ella não se retirara ainda da face da esposa, desde o dia do combate.

— A tristeza mora na alma de Iracema!

— A alegria para a esposa só vem de ti;

quando teus olhos a deixão as lagrimas enchem os seus.

— Porque chora a filha dos Tabajaras?

— Esta é a taba dos Pytiguaras, ennemigos de meu povo. A vista de Iracema já conheceu o craneo de seus irmãos espetado na caiçara; o ouvido já escutou o canto de morte dos captivos tabajaras; a mão já tocou as armas tintas do sangue de seus paes.

A esposa pousou as duas mãos nos hombros do guerreiro, e reclinou ao peito delle:

— Iracema tudo soffre por seu guerreiro e senhor. A ata é doce e saborosa; quando a machucão azeda. Tua esposa não quer que seu amor azede teu coração; mas que te encha das doçuras do mel.

— Volte o socego ao seio da filha dos Tabajaras; ella vae deixar a taba dos ennemigos de seu povo.

O christão caminhou para a cabana de Jacaúna. C grande chefe alegrou-se vendo chegar seu hospede; mas a alegria fugio logo de sua fronte guerreira. Martim dissera:

— O guerreiro branco parte de tua cabana, grande chefe.

— Alguma cousa te faltou na taba de Jacaúna?

— Nada faltou á teu hospede. Elle era feliz aqui; mas a voz do coração o chama a outros sitios.

— Então parte, e leva o que é preciso para a viagem. Tupan te fortaleça, e traga outra vez á cabana de Jacaúna, para que elle festeje tua boa vinda.

Poty chegou: sabendo que o guerreiro do mar ia partir, fallou:

— Teu irmão te acompanha.

— Os guerreiros de Poty precisão de seu chefe.

— Si tu não queres que elles vão com Poty, Jacaúna os conduzirá a victoria.

— A cabana de Poty ficará deserta e triste.

— Deserto e triste será o coração de teu irmão longe de ti.

O guerreiro do mar deixou as margens do rio das garças, e caminhou para as terras onde o sol se deita. A esposa e o amigo seguem sua marcha. Passárão além da fertil montanha, onde a abundancia dos fructos creava grande quantidade de mosca, do que lhe veio o nome de Meruoca.

Atravessão os corregos que levão suas aguas ao rio das garças, e avistão longe no horisonte uma alta serrania. Expira o dia; nuvem negra vôa das bandas do mar: são os urubús que pastão nas praias a carniça que o oceano arroja, e com a noite tornão ao ninho.

Os viajantes dormem em Uruburetama. Quando o sol voltou, chegarão ás margens do rio, que nasce na quebrada da serra e desce a planice euroscando-se como uma cobra. Suas voltas continuas enganão a cada passo o pirigrino, que vae seguindo o tortuoso curso; por isso foi chamado Mundahú.

Perlongando as frescas margens, vio Martim no seguinte sol os verdes mares e as alvas praias onde as ondas murmurosas, as vezes solução e outras raivão de furia, rebentando em frocos de espuma.

Os olhos do guerreiro branco se dilatarão pela vasta immensidade; seu peito suspirou. Esse mar beijava tambem as brancas areias do Potengi, seu berço natal, onde elle vira a luz americana. Arrojou-se nas ondas e pensou banhar seu corpo nas aguas da patria, como banhará sua alma nas saudades della.

Iracema sentio chorar-lhe o coração; mas não tardou que o sorriso de seu guerreiro o acalentasse.

Entretanto Poty, do alto do coqueiro, flexava o saboroso camoropim que brincava na pequena bahia do Mundahú; e preparava o moquem para a refeição.

XXI

Já descia o sol das alturas do céo.

Chegão os viajantes á foz do rio onde se crião em grande abundancia as saborosas trahiras; suas praias são povoadas pela tribu dos pescadores, da grande nação dos Pytiguaras.

Elles receberão os estrangeiros com a hospitalidade generosa, que era uma lei de sua religião; e Poty com o respeito que merecia tão grande guerreiro, irmão de Jacaúna, maior chefe da forte gente pytiguara.

Para repousar os viajantes, e acompanha-los na despedida, o chefe da tribu recebeu Martim Iracema e Poty na jangada, e abrindo a vela a brisa, levou-os até muito longe na costa. Todos os pescadores em suas jangadas seguião o chefe e atroavão os ares com o canto de

saudade, e os murmures do uraçá, que imita os soluços do vento.

Além da tribu dos pescadores estava mais entrada para as serras a tribu dos caçadores. Elles occupavão as margens do Soipè, cobertas de matas, onde os veados, as gordas pacas e os macios jacús abundavão. Assim os habitadores dessas margens lhe derão o nome de paiz da caça.

O chefe dos caçadores, Jaguarassú, tinha sua cabana á beira do lago, que fórma o rio perto do mar. Ahi acharão os viajantes o mesmo agasalho que havião recebido dos pescadores.

Depois que partirão do Soipé, os viajantes atravessarão o rio Pacoty, em cujas margens crescião as frondosas bananeiras balançando os verdes pennachos; mais longe o Iguape, onde a agua faz cintura em torno dos comoros de areia.

Além assomou no horisonte um alto morro de areia que tinha a alvura da espuma do mar. O cabo sobranceiro aos coqueiros parece a cabeça calva do condor, esperando ali a borrasca, que vem dos confins do oceano.

— Poty conhece o grande morro das areias? perguntou o christão.

— Poty conhece toda a terra que tem os Pytiguaras desde as margens do grande rio, que fórma um braço do mar, até a margem do rioonde habita o jaguar. Elle já esteve no alto do Mocoribe, e de lá vio correr no mar as grandes igaras dos guerreiros brancos, teus ennemigos, que estão no Mearim.

— Porque chamas tu Mocoribe, o grande morro das areias?

— O pescador da praia, que vae nas jangadas, lá onde vôa a aty, fica triste, longe da terra e de sua cabana, onde dormem os filhos de seu sangue. Quando elle volta e que seus olhos primeiro avistão o morro das areias, a alegria volta ao seio do homem. Então elle diz que morro das areias dá alegria!

— O pescador diz bem; porque teu irmão ficou contente como elle, vendo o monte das areias.

Martim subio com Poty ao cimo do Mocoribe. Iracema seguindo com os olhos o esposo, divagava como a jaçanan em torno do lindo seio, que ali fez a terra para receber o mar. De passagem ella colhia os doces cajús, que aplacão a sêde aos guerreiros, e apanhava as mimosas conchas para ornar seu collo.

Os viajantes estiverão em Mocoribe tres sóes. Depois Martim levou seus passos além. A esposa o o amigo o seguirão até a embocadura de um rio, cujas margens erão alagadas e cobertas de mangue. O mar entrando por elle formava uma bacia de agua christalina, que parecia cavada na pedra como um camocim.

O guerreiro christão ao percorrer essa paragem, começou de scismar. Até ali elle caminhava sem destino, movendo seus passos ao acaso; não tinha outra intenção mais que affastar-se das tabas dos Pytiguaras para arrancar a tristeza do coração de Iracema. O christão sabia por experiencia que a viagem acalenta a saudade, porque a alma pára emquanto o corpo se move. Agora sentado na praia pensava.

Poty veio:

— O guerreiro branco pensa; o seio do irmão está aberto para receber seu pensamento.

— Teu irmão pensa que este lugar é melhor do que as margens do Jaguaribe para a taba dos guerreiros de sua raça. Nestas aguas as grandes igaras que vem de longes terras se esconderião do vento e do mar; daqui ellas irião

ao Mearim destruir os brancos tapuias alliados dos Tabajaras, ennemigos de tua nação.

O chefe pytiguara meditou e respondeu:

— Vae buscar teus guerreiros. Poty plantará sua taba junto da mayr de seu irmão.

Aproximava-se Iracema. O christão mandou com um gesto o silencio ao chefe Pytiguara.

— A voz do esposo se calla, e seus olhos se abaixão, quando chega Iracema. Queres tu que ella se affaste?

— Quer teu esposo, que chegues mais perto, para que sua voz e seus olhos penetrem mais dentro de tua alma.

A formosa selvagem desfez-se em risos como se desfaz a flôr do fructo que desponta, e foi debruçar-se na espadua do guerreiro.

— Iracema te escuta.

— Estes campos são alegres, e mais serão quando Iracema nelles habitar. Que diz teu coração?

— O coração da esposa está sempre alegre junto de seu senhor e guerreiro.

O christão, seguindo pela margem do rio, escolheu o lugar para levantar a cabana. Poty cortou esteios dos troncos da carnaúba; a filha

de Arakem ligava os leques da palmeira para vestir o tecto e as paredes; Martim cavou a terra com a espada e fabricou a porta das fasquias da taquára.

Quando veio a noite os dois esposos armarão a rêde em sua nova cabana; e o amigo no copiar que olhava para o nascente.

XXII

Poty saudou o amigo e fallou assim :

— « Antes que o pae de Jacaúna e Poty, o valente guerreiro Jatobá, mandasse a todos os guerreiros pytiguaras, o grande tacape da nação estava na dextra de Batuireté, o maior chefe, pae de Jatobá. Foi elle que veio pelas praias do mar até o rio do jaguar, e expulsou os tabajaras para dentro das terras, marcando a cada tribu seu lugar; depois entrou pelo sertão até á serra que tomou seu nome.

« Quando suas estrellas, erão muitas, e tantas que seu camocim já não cabia as castanhas que marcavão o numero; o corpo vergou para a terra, o braço endureceu como o galho do ubiratan que não verga; seus olhos se escurecerão.

« Chamou então o guerreiro Jatobá e disse:— Filho, toma o tacape da nação pytiguara. Tupan não quer que Batuireté o leve mais á guerra, pois tirou a força de seu corpo, o movimento do seu braço e a luz de seus olhos. Mas Tupan foi bom para elle, pois lhe deu um filho como o guerreiro Jatobá.

« Jatobá empunhou o tacape dos Pytiguaras. Batuireté tomou o bordão de sua velhice e caminhou. Foi atravessando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as aguas que vem das bandas da noite. Quando o velho guerreiro arrastava o passo pelas margens, e a sombra de seus olhos não lhe deixava que visse mais os fructos nas arvores ou os passaros no ar, elle dizia em sua tristeza:—Ah! meus tempos passados!

« A gente que o ouvia chorava a ruina do grande chefe; e desde então passando por aquelles lugares repetia suas palavras; donde veio chamar-se o rio e os campos, Quixeramobim.

« Batuireté veio pelo caminho das garças até aquella serra que tu vês longe, onde primeiro habitou. Lá no pincaro o velho guerreiro fez seu

ninho alto como o gavião, para encher o resto de seus dias, conversando com Tupan. Seu filho já dorme embaixo da terra, e elle ainda na outra lua scismava na porta de sua cabana, esperando a noite que traz o grande somno. Todos os chefes Pytiguaras, quando acordão a voz da guerra, vão pedir ao velho que lhes ensine a vencer, porque nenhum outro guerreiro jámais soube como elle combater. Assim as tribus não o chamão mais pelo nome, senão o grande sabedor da guerra, Maranguab.

« O chefe Poty vae á serra ver seu grande avô; mas antes que o dia morra elle estará de volta na cabana de teu irmão. Tens tu outra vontade?

— O guerreiro branco te acompanha. Elle quer abraçar o grande chefe dos Pytiguaras, avô de seu irmão; e dizer ao velho que renasce em seu neto.

Martim chamou Iracema; e partirão ambos guiados pelo Pytiguara para a serra do Maranguab, que se levantava no horisonte. Forão seguindo o curso do rio até onde nella entrava o ribeiro da Pirapora.

A cabana do velho guerreiro estava junto das

formosas cascatas, onde salta o peixe no meio dos borbotões de espuma. As aguas ali são frescas e macias, como a brisa do mar, que passa entre as palmas dos coqueiros, nas horas da calma.

Batuireté estava sentado sobre uma das lapas da cascata; e o sol ardente cahia sobre sua cabeça núa de cabellos e cheia de rugas como o genipapo. Assim dorme o jaburú na borda do a go.

— Poty é chegado á cabana do grande Maranguab, pae de Jatobá, e trouxe seu irmão branco para ver o maior guerreiro das nações.

O velho sôabriu as pesadas palpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os labios murmurarão :

— Tupan quiz que estes olhos vissem antes de se apagarem o gavião branco junto da narseja

O abaeté derrubou a fronte aos peitos, e não fallou mais, nem mais se moveu.

Poty e Martim julgarão que elle dormia e se affastarão com respeito para não perturbar o

repouso de quem tanto obrára na longa vida. Iracema que se banhava na proxima cachoeira, veio-lhes ao encontro, trazendo na folha da taioba favos do mel purissimo.

Discorrerão os amigos pelas floridas encostas até que as sombras da montanha se estenderão pelo valle. Tornarão então ao logar onde tinhão deixado o Maranguab.

O velho ainda lá estava na mesma attitude, com a cabeça derrubada ao peito e os joelhos encostados á fronte. As formigas subião pelo seu corpo; e os tuins adejavão em torno e pousavão-lhe na calva.

Poty poz a mão no craneo do velho e conheceu que era finado; morrera de velhice. Então o chefe pytiguara entoou o canto da morte; e depois foi á cabana buscar o camocim, que transbordava com as castanhas do caju. Martim contou cinco vezes cinco mãos.

Entando Iracema colhia na floresta a andiroba, de que foi ungido o corpo do velho no camocim, onde a mão piedosa do neto o encerrou. O vaso funebre ficou suspenso ao tecto da cabana.

Depois que plantou ortiga em frente á porta,

para defender contra os animaes a oca abandonada, Poty despediu-se triste daquelles lugares, e tornou com seus companheiros á borda do mar.

XXIII

Quatro luas tinhão alumiado o ceo depois que Iracema deixara os campos do Ipú; e tres depois que ella habitava nas praias do mar a cabana de seu esposo.

A alegria morava em sua alma. A filha dos sertões era feliz, como a andorinha, que abandona o ninho de seus paes, e emigra para fabricar novo ninho no paiz onde começa a estação das flores. Tambem Iracema achara ali nas praias do mar um ninho do amor, nova patria para o coração.

Ella discorria as amenas campinas, como o colibri borboleteando entre as flores da acacia. A luz da manhã já a encontrava suspensa ao hombro da esposa e sorrindo, como a enrediça,

que entrelaça o tronco e todas as manhãs o coroa de nova grinalda.

Martim partia para a caça com Poty. Ella separava-se então delle, para mais sentir o desejo de tornar a elle.

Perto havia uma formosa lagoa no meio da verde campina. Para lá volvia a selvagem o ligeiro passo. Era a hora do banho da manhã; atirava-se á agua, e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanans. Os guerreiros pytiguaras, que apparecião por aquellas paragens chamavão essa lagoa da belleza, porque nella se banhava Iracema, a mais bella filha da raça de Tupan.

E desde esse tempo as mães vinhão de longe mergulhar suas filhas nas aguas da Porangaba que tinhão a virtude de tornar as virgens formosas e amadas pelos guerreiros.

Depois do banho Iracema discorria até as faldas da serra do Maranguab, onde nascia o ribeiro das marrecas. Ali crescia na frescura e sombra as fructas mais saborosas de todo o paiz; dellas fasia copiosa provisão, e esperava se embalando nas ramas do maracujá, que Martim tornasse da caça.

Outras vezes não era a Jererahú que a levava sua vontade, mas do opposto lado, junto da lagoa da Sapiranga, cujas aguas dizião que inflammavão os olhos. A' cerca d'ahi havia um bosque frondoso de muritys, que formavão no meio do taboleiro uma grande ilha de formosas palmeiras. Iracema gostava do Murityapuá, onde o vento suspirava docemente; ali espolpava ella o vermelho coco, para fabricar a bebida refrigerante, endossada com o mel da abelha, que os guerreiros amavão durante a maior calma do dia.

Uma manhã Poty guiou Martim á caça. Caminharão para uma serra, que se levanta ao lado da outra do Maranguab sua irmã. O alto cabeço se curva a semelhança do bico adunco da arara; pelo que os guerreiros a chamarão Aratanha. Elles subirão pela encosta da Guaiuba por onde as aguas descem para o valle, e forão até o corrego habitado pelas pacas.

Só havia sol no bico da arara quando os caçadores descerão de Pacatuba ao taboleiro. De longe virão Iracema, que viera espera los a margem de sua lagoa da Porangaba. Caminhou para elles com o passo altivo da garça que

passeia á beira d'agua: por cima da carioba trazia uma cintura das flores da maniva que era o simbolo da fecundidade. Collar das mesmas cingia-lhe o collo e ornava os rijos seios palpitantes.

Travou da mão do esposo, e a impoz no regaço:

— Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ella será mãe de teu filho!

— Filho, dizes tu? esclamou o christão em jubilo.

Ajoelhou ali e cingindo-o com os braços, beijou o ventre fecundo da esposa.

Quando ergueu-se, Poty fallou:

« A felicidade do mancebo é a esposa e o amigo, a primeira dá alegria; o segundo dá força: o guerreiro sem a esposa é como a arvore sem folhas nem flores; nunca ella verá o fructo: o guerreiro sem amigo é como a arvore solitaria no meio do campo que o vento embalança; o fructo della nunca amadura. A felicidade do varão é a prole, que nasce delle e faz seu orgulho; cada guerreiro que sahe de suas veias é mais um galho que leva seu nome ás nuvens, como a grimpa do cedro. Amado de Tupan é o

guerreiro que tem uma esposa, um amigo e muitos filhos; ella nada mais deseja senão a morte gloriosa.

Martim unio o peito ao peito de Poty.

— O coração do esposo e do amigo fallou por tua boca. O guerreiro branco é feliz, chefe dos Pytiguaras, senhores das praias do mar; e a felicidade nasceu para elle na terra das palmeiras, onde rescende a baunilha, e foi gerada do sangue de tua raça, que tem no rosto a cor do sol. O guerreiro branco não quer mais outra patria, senão a patria de seu filho e de seu coração.

Ao romper d'alva Poty partiu para colher as sementes de crajurú que dão a mais bella tinta vermelha, e a casca do angico de onde sae a cor negra mais lustrosa. De caminho sua flexa certeira abateu o pato selvagem que planiava nos ares: e elle arrancou das azas as longas pennas. Subindo ao Mocoribe, rugiu a inubia. A refega que vinha do mar levou longe o ronco som. O buzio dos pescadores do Trahiry, e a trombeta dos caçadores do Soipé, responderão.

Martim banhou-se n'agua do rio, e passeou na praia para secar o corpo ao vento e ao sol.

Ao seu lado ia Iracema e apanhava o ambar amarello, que o mar arrojava. Todas as noites a esposa perfumava seu corpo e a alva rede, para que o amor do guerreiro se deleitasse nella.

Voltou Poty.

XXIV

Foi costume da raça, filha de Tupan, que o guerreiro trouxesse no corpo as cores de sua nação. Traçavão em principio negras riscas, sobre o corpo, á semelhança do pello do coaty de onde procedeu o nome dessa arte da pintura guerreira. Depois variarão as cores; e muitos guerreiros costumarão escrever os emblemas de seus feitos.

O estrangeiro tendo adoptado a patria da esposa e do amigo, devia passar por aquella ceremonia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupan. Nessa intenção fora Poty se prover dos objectos necessarios.

Iracema preparou as tintas. O chefe, embebendo as ramas da pluma, traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos, que ornavão a grande

nação pytiguara. Depois pintou na fronte uma flecha e disse:

— Assim como a seta traspassa o duro tronco, assim o olhar do guerreiro penetra n'alma dos povos.

No braço um gavião:

— Assim como o anajê cahe das nuvens, assim cae o braço do guerreiro sobre o inimigo.

No pé esquerdo a raiz do coqueiro.

— Assim como a pequena raiz agarra na terra o alto coqueiro, o pé firme do guerreiro sustenta seu corpo.

No pé direito pintou uma aza:

— Assim como a aza da majoy rompe os ares, o pé veloz do guerreiro não tem igual na corrida.

Iracema tomou a rama da penna e pintou uma folha com uma abelha sobre: sua voz resoou entre sorrisos:

— Assim como a abelha fabrica mel no coração negro do jacarandá, a doçura está no peito do mais valente guerreiro.

Martim abriu os braços e os labios para receber corpo e alma da esposa.

— Meu irmão é um grande guerreiro da

nação pytiguara; elle precisa de um nome na lingua de sua nação.

— O nome de teu irmão está em seu corpo, onde o poz tua mão.

— Coatiabo! exclamou Iracema.

— Tu disceste; eu sou o guerreiro pintado; o guerreiro da esposa e do amigo.

Poty deu á seu irmão o arco e o tacape, que são as armas nobres do guerreiro. Iracema havia tecido para ella o cocar e a arassoia, ornatos dos chefes illustres.

A filha de Araken, foi buscar á cabana as iguarias do festim e os vinhos de genipapo e mandioca. Os guerreiros beberão copiosamente e trançarão as dansas alegres. Durante que volvião em torno dos fogos da alegria, resoavão as canções.

Poty cantava.

— Como a cobra que tem duas cabeças em um só corpo, assim é a amisade de Coatiabo e Poty.

Acodiu Iracema.

— Como a ostra que não deixa o rochedo, ainda depois de morta, assim é Iracema junto á seu esposo.

Os guerreiros disserão:

— Como o jatobá na floresta, assim é o guerreiro Coatiabo entre o irmão e a esposa, seus ramos abração os ramos do ubiratan, e sua sombra protege a relva humilde.

Os fogos da alegria arderão até que veio a manhã; e com elles durou o festim dos guerreiros.

XXV

A alegria ainda morou na cabana, todo o tempo que as espigas de milho levarão a amarellecer.

Uma alvorada, caminhava o christão pela borda do mar. Sua alma estava cançada.

O colibri sacia-se de mel e perfume; depois adormece em seu branco ninho de cotão, até que volta no outro anno a lua das flores. Como o colibri, a alma do guerreiro tambem satura-se de felicidade, e carece de somno e repouso.

A caça e as excursões pelas montanhas em companhia do amigo, as caricias da terna esposa que o esperavão na volta, o doce carbeto no copiar da cabana, já não accordavão nelle as emoções de outrora. Seu coração resonava.

Iracema brincava pela praia: os olhos delle

tiravão-se della para se estenderem pela immensidade dos mares.

Virão umas azas brancas, que adejavão pelos campos azues. Conheceu o christão que era uma grande igara de muitas velas, como construião seus irmãos; e a saudade da patria apertou em seu seio.

Alto ia o sol; e o guerreiro na praia seguia com os olhos as azas brancas que fugião. Debalde a esposa o chamou á cabana, debalde offereceu a seus olhos, as graças della e os fructos melhores do campo. Não se moveu o guerreiro, senão quando a vela sumiu-se no horisonte.

Poty voltou da serra, onde pela vez primeira fora só. Tinha deixado a serenidade na fronte de seu irmão e achava ali a tristeza. Martim sahiu-lhe ao encontro:

— A igara grande do branco tapuia passou no mar. Os olhos de teu irmão a virão voar para as margens do Mearim, alliados dos Tupinambás, innemigos de tua e minha raça.

— Poty é senhor de mil arcos; si é teu desejo elle te acompanhará com seus guerreiros ás margens do Mearim para vencer o Tapuitinga e seu amigo o traidor Tupinambá.

— Quando for tempo teu irmão te dirá.

Os guerreiros entrarão na cabana, onde estava Iracema. A maviosa canção nesse dia tinha emmudecido nos labios da esposa. Ella tecia suspirando a franja da rede materna, mais larga e espessa que a rede do hymeneo.

Poty, que a viu tão occupada, fallou:

— Quando a sabiá canta é o tempo do amor; quando emmudece, fabrica o ninho para sua prole; é o tempo do trabalho.

— Meu irmão falla como a ran quando annuncia a chuva; mas a sabiá que faz seu ninho, não sabe se dormirá nelle.

A voz de Iracema gemia. Seu olhar buscou o esposo. Martim pensava: as palavras de Iracema passarão por elle, como a brisa pela face lisa da rocha, sem echo nem rumores.

O sol brilhava sempre sobre as praias do mar, e as areias reflectião os raios ardentes; mas nem a luz que vinha do ceo, nem a luz que ia da terra, espancarão a sombra n'alma do christão. Cada vez o crepusculo era maior em sua fronte.

Chegou das margens do Acaraú um guerreiro pytiguara, mandado por Jacaúna a seu irmão Poty. Elle veio seguindo o rastro dos viajantes

até o Trahiry, onde os pescadores o guiarão á cabana.

Poty estava só no copiar; ergueu-se e abaixou a fronte para escutar com respeito e gravidade as palavras que lhe mandava seu irmão pela boca do mensageiro:

— O Tapuytinga, que estava no Mearim, veio pelas matas até o principio da Ibyapaba, onde fez alliança com Irapuam, para combater a nação pytiguara. Elles vão descer da serra as margens do rio em que bebem as garças, e onde tu levantaste a taba de teus guerreiros. Jacaúna te chama para deffender os campos de nossos paes: e teu povo carece de seu maior guerreiro.

— Volta as margens do Acaraú e teu pé não descance emquanto não pizar o chão da cabana de Jacaúna. Quando ahi estiveres, dize ao grande chefe: — « Teu irmão é chegado á taba de seus guerreiros. » — E tu não mentirás.

O mensageiro partiu.

Poty vestiu suas armas, e caminhou para a varzea, guiado pelo passo de Cotyabo. Elle o encontrou muito além, vagando entre os canaviaes que bordão as margens de Jacarehy.

— O branco tapuia está na Ibyapaba para ajudar os Tabajaras á combater contra Jacaúna. Teu irmão corre á deffender a terra de seus filhos, e a taba onde dormem os camocins de seus paes. Elle saberá vencer depressa para voltar á tua presença.

— Teu irmão parte comtigo. Nada separa dois guerreiros amigos quando troa a inubia da guerra.

— Tu és grande, como o mar e bom como o ceo.

Os dois amigos abraçarão-se; e seguirão com o rosto para as bandas do nascente.

XXVI

Caminhando, caminhando, chegarão os guerreiros á margem de um lago, que havia nos taboleiros.

O christão parou de repente e voltou o rosto para as bandas do mar: a tristesa sahiu de seu coração e subiu á fronte.

— Meu irmão, disse o chefe, teu pé creou raiz na terra do amor; fica, Poty voltará breve.

— Teu irmão te acompanha; elle disse, e sua palavra é como a seta de teu arco; quando soa, é chegada.

— Queres tu que Iracema te acompanhe as margens do Acaraú?

— Nós vamos combater seus irmãos. A taba dos Pytiguaras não terá para ella mais que tristesa e dor. A filha dos Tabajaras deve ficar.

— Que esperas tu então?

— Teu irmão se afflige porque a filha dos Tabajaras pode ficar triste e abandonar a cabana, sem esperar pela sua volta. Antes de partir elle queria socegar o espirito da esposa.

Poty reflectia:

— As lagrimas da mulher amollecem o coração do guerreiro, como o orvalho da manhã amollece a terra.

— Meu irmão é um grande sabedor. O esposo deve partir sem ver Iracema.

O christão avançou. Poty mandou-lhe que esperasse; da alvaja de setas que Iracema emplumara de pennas vermelhas e pretas, e suspendera aos hombros do esposo, tirou uma.

O chefe pytiguar vibrou o arco; a seta rapida atravessou um goiamum que discorria pelas margens do lago, e só parou onde a pluma não a deixou mais entrar.

Fincou o guerreiro no chão a flexa, com a presa atravessada e tornou para Coatyabo.

— Tu podes partir agora. Iracema seguirá teu rastro; chegando aqui verá tua seta, e obedecerá á tua vontade.

Martim sorriu; e quebrando um ramo do

maracujá, a flor da lembrança, o entrelaçou na haste da seta, e partiu alfim seguido por Poty.

Breve desapparecerão os dois guerreiros entre as arvores. O calor do sol já tinha secado seus passos na beira do lago. Iracema inquieta veio pela varzea seguindo o rastro do esposo até o taboleiro. As sombras doces vestião os campos quando ella chegou á beira do lago.

Seus olhos virão a seta do esposo fincada no chão, o goiamum trespassado, o ramo partido, e encherão-se de pranto.

— Elle manda que Iracema ande para traz, como o goiamum, e guarde sua lembrança, como o maracujá guarda sua flor todo o tempo até morrer.

A filha dos Tabajaras retraio os passos lentamente, sem volver o corpo, nem tirar os olhos da seta de seu esposo, e tornou a cabana. Ahi sentada á soleira, com a fronte nos joelhos esperou, até que o somno acalentou a dôr em seu peito.

Apenas alvorou o dia, ella moveu o passo rapido para a lagoa, e chegou a margem. A flexa la estava como na vespera : o esposo não tinha voltado.

Desde então á hora do banho, em vez de buscar a lagoa da belleza, onde outrora tanto gostara de nadar, caminhava para aquella, que vira seu esposo abandona-la. Sentava junto a flexa, até que descia a noite ; então recolhia a cabana.

Tão rapida partia de manhã , como lenta voltava á tarde. Os mesmos guerreiros que a tinhão visto alegre nas aguas da Porangaba, agora encontrando-a triste e só, como a garça viuva, na margem do rio, chamavão aquelle sitio da Mocejana, a abandonada.

Uma vez que a formosa filha de Araken, se lamentava á beira da lagoa da Mocejana, uma voz estridente gritou seu nome do alto da carnauba :

— Iracema !. Iracema !...

Ergueu ella os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda jandaia, que batia as azas, e arrufava as pennas com o prazer de ve-la.

A lembrança da patria, apagada pelo amor, resurgiu em seu pensamento. Viu os formosos campos do Ipú ; as encostas da serra onde nascera, a cabana de Araken ; e teve saudades ; mas ainda naquelle instante, não se arrependeu de os ter abandonado.

Seu labio gaseou em canto. A jandaia abrindo as azas, esvoaçou-lhe em torno e pousou no hombro. Alongando fagueira o collo, com o negro bico alisou-lhe os cabellos e beliscou a boca vermelha como uma pitanga.

Iracema lembrou-se que tinha sido ingrata para a jandaia esquecendo-a no tempo da felicidade; e agora ella vinha para a consolar no tempo da desventura.

Essa tarde não voltou só a cabana. Durante o dia seus dedos ageis tecerão o formoso urú de palha que forrou da felpa macia da monguba para agasalhar sua companheira e amiga.

Na seguinte alvorada foi a voz da jandaia que a despertou. A linda ave, não deixou mais sua senhora; ou porque depois da longa ausencia não se fartasse de a ver, ou porque advinhasse que ella tinha necessidade de quem a acompanhasse em sua triste solidão.

XXVII

Uma tarde Iracema viu de longe dois guerreiros que avançavão pelas praias do mar. Seu coração palpitou mais apressado.

Instante depois ella esquecia nos braços do esposo tantos dias de saudade, e abandono que passara na solitaria cabana. Outra vez sua graça encheu os olhos do christão; a alegria voltou a habitar em sua alma.

Como a seca varzea, com a vinda do nevoeiro, reverdece e matisa-se de flores, a formosa filha do sertão com a volta do esposo reanimou-se; e sua bellesa esmaltou-se de meigos e ternos sorrisos.

Martim e seu irmão havião chegado a taba de Jacaúna, quando soava a inubia; elles guiarão ao combate os mil arcos de Poty. Ainda

dessa vez os Tabajaras, apezar da alliança dos brancos tapuias do Mearim, forão levados de vencida pelos valentes Pytiguaras.

Nunca tão disputada victoria e tão renhida pugna, se pelejou nos campos que regão o Acaraú e o Camocim ; o valor era igual de parte á parte, e nenhum dos dois povos fora vencido, si o Deus da guerra não tivesse decidido dar estas plagas a raça do guerreiro branco, alliada dos Pytiguaras.

Logo apoz a victoria o christão tornara ás praias do mar, onde construira sua cabana. De novo sentiu em sua alma a sede do amor ; e tremia de pensar que Iracema houvesse partido, deixando ermo aquelle sitio tão povoado outrora pela felicidade.

O christão amou outra vez a filha do sertão, como da primeira vez, quando parece que o tempo não poderá exhaurir o coração. Mas breves sóes bastarão para murchar aquellas flores de um coração exilado da patria.

O imbú, filho da serra, si nasceu na varzea porque o vento ou as aves trouxerão a semente, vingou, achando boa terra e fresca sombra; talvez um dia copou a verde folhagem e enflorou.

Mas basta um sopro do mar, para tudo murchar. As folhas lastrão o chão; as flores leva-as a brisa.

Como o imbú na varzea era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amisade e o amor o acompanharão e sostiverão algum tempo; mas agora longe de sua casa e de seus irmãos, sentiu-se em um ermo. O amigo e a esposa não chegavão mais a sua existencia, cheia de grandes e nobres ambições.

Passava os já tão breves, agora longos sóes, na praia, ouvindo gemer o vento e soluçar as ondas. Os olhos, engolphados na immensidade do horisonte, buscavão, mas em balde discernir do azul diaphano a alvura de uma vela perdida nos mares.

A distancia curta da cabana, se elevava á borda do oceano um alto morro de areia; pela semelhança com a cabeça do crocodilo o chamavão os pescadores Jacarécanga. Do seio das brancas areias escaldadas pelo ardente sol, manava uma agua fresca e pura; assim destilla a dor lagrimas doces de allivio e consolo.

A esse monte subia o christão; e lá ficava scismando em seu destino. As vezes lhe vem á

mente a idéa de tornar á sua terra e aos seus; mas elle sabe que Iracema o acompanhará; e essa lembrança lhe remorde o coração. Cada passo mais que affaste dos campos nativos a filha dos Tabajaras, agora que não tem o ninho de seu coração para abrigar-se, é uma porção da vida que lhe rouba.

Poty conhece que Martim deseja estar só, e affasta-se discreto. O guerreiro sabe o que afflige a alma do seu irmão; e tudo espera do tempo, porque só o tempo endurece o coração do guerreiro, como o cerne do jacarandá.

Iracema tambem foge dos olhos do esposo, porque já percebeu que esses olhos tão amados se turbão com a vista della, e em vez de se encherem de sua belleza como outrora, a despedem de si. Mas seus olhos della não se cançâo de acompanhar á parte e de longe o guerreiro senhor, que os fez captivos.

Ai della!... Sentiu já o golpe no coração e como a copaiba ferida no amago, destilla lagrimas em fio.

XXVIII

Uma vez o christão ouviu dentro em sua alma o soluço de Iracema: seus olhos buscarão em torno e não a virão.

A filha de Araken estava além, entre as verdes moitas de ubaia, sentada na relva. O pranto desfiava de seu bello semblante; e as gotas que rolavão a uma e uma cahião sobre o regaço, onde já palpitava e crescia o filho do amor. Assim cahem as folhas da arvore viçosa antes que amadureça o fructo.

— O que espreme as lagrimas do coração de Iracema!

— Chora o cajueiro quando fica tronco seco e triste. Iracema perdeu sua felicidade, depois que te separaste della.

— Não estou eu junto a ti?

— Teu corpo está aqui; mas tua alma vôa á terra de teus pais, e busca a virgem branca, que te espera.

Martim doeu-se. Os grandes olhos negros que a indiana pousara nelle o tinha ferido no amago.

— O guerreiro branco é teu esposo: elle te pertence.

A formosa tabajara sorrio em sua tristeza:

— Quanto tempo ha que retiraste de Iracema teu espirito? Antes teu passo te guiava para as frescas serras e os alegres taboleiros; teu pé gostava de pisar a terra da felicidade e seguir o rastro da esposa. Agora só buscas as praias ardentes, porque o mar que lá murmura vem dos campos em que nasceste; e o morro das areias, porque do alto se avista a igara que passa.

— E' a ancia de combater o tupinambá que volve o passo do guerreiro para as bordas do mar: respondeu o christão.

Iracema continuou:

— Teu labio seccou para a esposa, como a canna quando ardem os grandes sóes; perde o grato mel e as folhas murchas não podem mais brincar quando passa a brisa. Agora só fallas

ao vento da praia para que elle leve tua voz á cabana de teus paes.

— A voz do guerreiro branco chama seus irmãos para deffender a cabana de Iracema e a terra de seu filho, quando o ennemigo vier.

A esposa meneou a cabeça:

— Quando tu passas no taboleiro, teus olhos fogem do fructo do genipapo e buscão a flor do espinheiro; a fructa é saborosa, mas tem a côr dos Tabajaras; a flor tem a alvura das faces da virgem branca. Si cantão as aves, teu ouvido não gosta já de escutar o canto mavioso da graúna; mas tua alma se abre para o grito do japim, porque elle tem as pennas douradas como os cabellos daquella que tu amas!

— A tristeza escurece a vista de Iracema e amarga seu labio. Mas a alegria ha de voltar á alma da esposa, como volta á arvore a verde rama.

— Quando teu filho deixar o seio de Iracema, ella morrerá, como o abaty depois que deu seu fructo. Então o guerreiro branco não terá mais quem o prenda na terra estrangeira.

— Tua voz queima, filha de Araken, como o sopro que vem dos sertões do Icó, no tempo dos

grandes calores. Queres tu abandonar teu esposo?

— Vêem teus olhos lá o formoso jacarandá, que vae subindo ás nuvens; á seus pés ainda está a seca raiz da murta frondosa, que todos os invernos se cobria de rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão. Si ella não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer áquella altura. Iracema é a folha escura que faz sombra em tua alma; deve cahir, para que a alegria alumie teu seio.

O christão cingio o talhe da formosa indiana e a estreitou ao peito. Seu labio levou ao labio da esposa um beijo, mas aspero e amargo.

XXIX

Poty voltou do banho.

Segue na areia o rastro de Coatiabo, e sobe ao alto da Jacarécanga. Ahi encontra o guerreiro em pé no cabeço do monte cam os olhos alongados e os braços estendidos para os largos mares.

Volve o Pytiguara as vistas e descobre uma grande igara, que vem surcando os verdes mares, impellida pelo vento ;

— E' a grande igara dos irmãos de meu irmão que vem busca-lo !

O christão suspirou :

— São os guerreiros brancos innemigos de minha raça, que buscão as praias da valente nação pytiguara, para a guerra da vingança : elles forão derrotados com os Tabajaras nas

margens do Camocim; agora vem com os seus amigos os Tupinambás pelo caminho do mar.

— Meu irmão é um grande chefe. Que pensa elle que deve fazer seu irmão Poty.

— Chama os caçadores de Soipé e os pescadores do Trahiry. Nós iremos ao seu encontro.

Poty acordou a voz da inubia: e os dois guerreiros partirão ambos para o Mocoribe. Pouco alem virão os guerreiros de Jaguarassú e Camoropim que corrião ao grito de guerra. O irmão de Jacaúna os avisou da vinda do ennemigo.

O grande maracatim corre nas ondas, ao longo da terra que se dilata até as margens do Parnahyba. A lua começava a crescer quando elle deixou as aguas do Mearim; ventos contrarios o tinhão arrastado para os altos mares, muito alem de seu destino.

Os guerreiros pytiguaras, para não espantar o ennemigo se occultão entre os cajueiros; e vão seguindo pela praia a grande igara: durante o dia avultão as brancas velas; de noite os fogos atravessão a negrura do mar, como vagalumes perdidos na mata.

Muitos sóes caminharão assim. Passão alem

do Camocim, e afinal pisão as lindas ribeiras da enseada dos papagaios.

Poty manda um guerreiro ao grande Jacaúna e se prepara para o combate. Martim, que subiu ao morro de areia, conhece que o maracatim vem recolher no seio da terra; e avisa seu irmão.

O sol já nasceu; os guerreiros guaraciabas e os tupinambás seus amigos, correm sobre as ondas nas ligeiras pirogas e pojão na praia. Formão o grande arco, e avanção como o cardume do peixe quando corta a correnteza do rio.

No centro estão os guerreiros do fogo, que trazem o raio; nas asas os guerreiros do Mearim que brandem o tacape.

Mas nação alguma jámais vibrou o arco certeiro, como a grande nação pytiguara; e Poty é o maior chefe, de quantos chefes empunharão a inubia guerreira. Ao seu lado caminha o irmão, tão grande chefe como elle, e sabedor das manhas da raça branca dos cabellos do sol.

Durante a noite os Pytiguaras fincão na praia a forte caiçara de espinho; e levantão contra ella um muro de areia, onde o raio esfria e se apaga.

Ahi esperão o ennemigo. Martim manda que outros guerreiros subão a copa dos mais altos coqueiros; ali deffendidos pelas largas palmas, esperão o momento do combate.

A seta de Poty foi a primeira que partiu, e o chefe dos guaraciabas o primeiro heroe que mordeu o pó da terra estrangeira. Rugem os trovões na destra dos guerreiros brancos; mas os raios que disferem mergulhão-se na areia, ou se perdem nos ares.

As setas dos pytiguaras, já cahem do céo, já voão da terra, e se embebem todas no seio do ennemigo. Cada guerreiro tomba crivado de muitas flexas, como a presa que as piranhas disputão nas aguas do lago.

Os ennemigos embarcão outra vez nas pirogas, e voltão ao maracatim em busca dos grandes e pesados trovões, que um homem só, nem dois, podem manejar.

Quando voltão, o chefe dos pescadores, que corre nas aguas do mar como o veloz camoropim, de que tomou o nome, se arroja nas ondas, e mergulha. Ainda a espuma não se apagara, e já a piroga ennemiga se affundou, parecendo que a tragara uma baleia.

Veio a noite, que trouxe o repouso.

Ao romper d'alva, o maracatim fugia no horisonte para as margens do Mearim. Jacaúna chegou, não mais para o combate e sim para o festim da victoria.

Nessa hora em que o canto guerreiro dos pytiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho que o sangue da raça branca, gerára nessa terra da liberdade, via a luz nos campos da Porangaba.

XXIX

Iracema cuidou que o seio rompia-se; e buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro.

Estreitou-se com a haste da palmeira. A dôr lacerou suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou todo o seu ser de jubilo.

A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com elle arrojou-se ás aguas limpidas do rio. Depois suspendeu-o á teta mimosa; seus olhos então o envolvião de tristesa e amor.

— Tu és Moacyr, o nascido de meu soffrimento.

A ará, pousada no olho do coqueiro, repetio Moacyr; e desde então a ave amiga em seu canto unia ao nome da mãe, o nome do filho.

O innocente dormia; Iracema suspirava:

— A jaty fabrica o mel no tronco cheiroso do sassafraz; toda a lua das flôres vôa de ramo em ramo, colhendo o suco para encher os favos; mas ella não prova sua doçura, porque a irara devora em uma noite toda a colmeia. Tua mãe tambem, filho de minha angustia, não beberá em teus labios o mel do sorriso.

A jovem mãe passou aos hombros a larga faxa de macio algodão, que fabricára para trazer o filho sempre unido ao flanco; e seguiu pela areia o rastro do esposo, que á tres sóes se partira. Ella caminhava docemente para não despertar a creancinha, adormecida como o passarinho sob a asa materna.

Quando chegou junto ao grande morro das areias, vio que o rastro de Martim e Poty seguia ao longo da praia; e advinhou que elles erão partidos para a guerra. Seu coração suspirou; mas seus olhos secos buscarão o semblante do filho.

Volve o rosto para o Mocoribe.

— Tu és o morro da alegria; mas para Iracema tu não tens senão tristesa.

Tornándo, a recente mãe pousou a creança sempre dormida na rede de seu pae, viuva e

solitaria em meio da cabana; ella deitou-se ao chão, na esteira onde repousava, desde que os braços do esposo se não tinhão mais aberto para recebe-la.

A luz da manhã entrava pela cabana, e Iracema vio entrar com ella a sombra de um guerreiro.

Cauby estava em pé na porta.

A esposa de Martim ergueu-se de um impeto e saltou avante para proteger o filho. Seu irmão levantou da rede á ella uns olhos tristes, e fallou com a voz ainda mais triste:

— Não foi a vingança que arrancou o guerreiro Cauby aos campos dos Tabajaras; elle já perdoou. Foi a vontade de ver Iracema, que trouxe comsigo toda sua alegria.

— Então bemvindo seja o guerreiro Cauby na cabana de seu irmão: respondeu a esposa abraçando-o.

— O nascido de teu seio dorme nessa rede; os olhos de Cauby gostarião de ve-lo.

Iracema abrio a franja de pennas; e mostrou o lindo semblante da creança. Cauby depois que o contemplou por muito tempo, entre risos, disse:

— Elle chupou tua alma.

E beijou nos olhos da jovem mãe, a imagem da creança, que não se animava tocar com receio de offender.

A voz tremula da filha resoou:

— Ainda vive Araken sobre a terra?

— Pena ainda; depois que tu o deixaste sua cabeça vergou para o peito e não se ergueu mais.

— Dize-lhe que Iracema é morta já, para que elle se console.

A irmã de Cauby preparou a refeição para o guerreiro, e armou no copiar a rede da hospitalidade para que elle repousasse das fadigas da jornada. Quando o viajante satisfez o apetite, ergueu-se com estas palavras:

— Dize onde está teu esposo e meu irmão, para que o guerreiro Cauby lhe dê o abraço da amizade.

Os labios suspirosos da misera esposa se moverão como as petalas do cacto que um sopro amarrota, e ficarão mudas. Mas as lagrimas debulharão dos olhos, e cahirão em bagas.

O rosto de Cauby annuviou-se:

— Teu irmão pensava que a tristeza ficara

nos campos que abandonaste; porque comtigo trouxeste todo o riso dos que te amavão!

Iracema secou os olhos:

— O esposo de Iracema partio com o guerreiro Poty para as praias do Acaraú. Antes que tres sóes tenhão allumiado a terra elle voltará e com elle a alegria á alma da esposa.

— O guerreiro Cauby o espera para saber o que elle fez do sorriso que morava em teus labios.

A voz do tabajara enrouquecera; seu passo inquieto volveu á esmo pela cabana.

XXXI

Iracema cantava docemente, embalando a rêde para acalentar o filho.

A areia da praia crepitou sob o pé forte e rijo do guerreiro tabajara, que vinha das bordas do mar depois da abundante pesca.

A jovem mãe cruzou as franjas da rêde, para que as moscas não inquietassem o filho acalentado, e foi ao encontro do irmão:

— Cauby vae tornar ás montanhas dos Tabajaras! disse ella com brandura.

O guerreiro annuviou-se:

— Tu despedes teu irmão da cabana para que elle não veja a tristeza que a enche.

— Araken teve muitos filhos em sua mocidade; uns a guerra levou e morrerão como valentes; outros escolherão uma esposa, e

gerarão por sua vez numerosa prole : filhos de sua velhice, Araken só teve dois. Iracema é para elle como a rôla que o caçador tirou do ninho. Só resta o guerreiro Cauby ao velho Pagé, para suster seu corpo vergado, e guiar seu passo tremulo.

— Cauby partirá quando a sombra deixar o rosto de Iracema.

— Como vive estrella da noite, vive Iracema em sua tristeza. Só os olhos do esposo podem apagar a sombra em seu rosto. Parte, para que elles não se turvem com tua vista.

— Teu irmão parte para agradar tua vontade; mas elle voltará todas as vezes que o cajueiro florescer para sentir em seu coração o filho de teu ventre.

Entrou na cabana. Iracema tirou da rêde a creança; e ambos, mãe e filho, palpitarão sobre o peito do guerreiro tabajara. Depois Cauby passou a porta, e sumio-se entre as arvores.

Iracema, arrastando o passo tremulo, o acompanhou de longe até que o perdeu de vista na orla da mata. Ahi parou: quando o grito da jandaia de envolta com o choro infantil, a chamou

a cabana, a areia fria onde esteve sentada, guardou o segredo do pranto que embebera.

A jovem mãe suspendeu o filho a teta; mas a boca infantil não emmudeceu. O leite escasso não apojava o peito.

O sangue da infeliz diluia-se todo nas lagrimas incessantes que não estancavão dos olhos; nenhum chegava aos seios, onde se fórma o primeiro licor da vida.

Ella dissolveu a alva cariman e preparou ao fogo o mingáo para nutrir o filho. Quando o sol dourou a christa dos montes, partio para a mata, levando ao collo a creança adormecida.

Na espessura do bosque está o leito da irara ausente; os tenros caxorrinhos, grunhem enrolando-se uns sobre os outros. A formosa tabajara aproxima-se de manso. Prepara para o filho um berço da macia rama do maracujá; e senta-se perto.

Põe no regaço um por um os filhos da irara; e lhes abandona os seios mimosos, cuja teta rubra como a pitanga ungio do mel da abelha. Os caxorrinhos famintos, precipitão gulosos e sugão os peitos avaros de leite.

Iracema curte dôr, como nunca sentio; parece

que lhe exhaurem a vida; mas os seios vão-se entumecendo; apojarão a final, e o leite, ainda rubro do sangue, de que se formou, esguicha.

A feliz mãe arroja de si os caxorrinhos, e cheia de jubilo mata a fome ao filho. Elle é agora duas vezes filho de sua dôr, nascido della e tambem nutrido.

A filha de Araken sentio afinal que suas veias se estancavão; e comtudo o labio amargo de tristeza recusava o alimento que devia restaurar-lhe as forças. O gemido e o suspiro tinhão crestado com o sorriso o sabor em sua boca formosa.

XXXII

Descamba o sol.

Japy sahe do mato e corre para a porta da cabana.

Iracema sentada com o filho no collo, banha-se nos raios do sol e sente o frio arripiar-lhe o corpo. Vendo o animal, fiel mensageiro do esposo, a esperança reanimou seu coração; quiz erguer-se para ir ao encontro de seu guerreiro senhor, mas os membros debeis se recusarão á sua vontade.

Cahio desfallecida contra o esteio. Japy lambia-lhe a mão desfallecida, e pulava travesso para fazer sorrir a creança, soltando uns doces latidos de prazer. Por vezes, afastou-se para correr até a orla da mata, e latir chamando o senhor; logo tornava á cabana para festejar a mãe e o filho.

Por esse tempo pisava Martim os campos amarellos do Tauape: seu irmão Poty, o inseparavel, caminhava a seu lado.

Oito luas havia que elle deixara as praias da Jacarecanga. Depois de vencidos os Guaraciabas na bahia dos papagaios, o guerreiro christão quiz partir para as margens do Mearim, onde habitava o barbaro alliado dos Tupinambás.

Poty e seus guerreiros o acompanharão. Depois que transpuzerão o braço corrente do mar que vem da serra de Tauatinga e banha as varzeas onde se pesca o piau, virão emfim as praias do Mearim, e a velha taba do barbaro tapuia.

A raça dos cabellos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos Tupinambás: crescia o numero dos guerreiros brancos, que já tinhão levantado na ilha a grande itaoca, para despedir o raio.

Quando Martim vio o que desejava, tornou aos campos da Porangaba, que elle agora trilha. Já ouve o ronco do mar nas praias do Mocoribe; já lhe bafeja o rosto o sopro vivo das vagas do oceano.

Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de

chegar: e sente que sua alma vae soffrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa, entrarem nella.

Ha muito que a palavra desertou seu labio seco; o amigo respeita este silencio, que elle bem entende. E' o silencio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios.

Tanto que os dois guerreiros tocarão as margens do rio, ouvirão o latir do cão, que os chamava, e o grito da ará, que se lamentava. Erão mui proximos á cabana, apenas occulta por uma lingua de mato. O christão parou calcando a mão no peito para soffrear o coração, que saltava como o poraquê.

— O latido de Japy é de alegria disse o chefe.

— Porque chegou; mas a voz da jandaia é de tristeza. Achará o guerreiro ausente a paz no seio da esposa solitaria, ou terá a saudade matado em suas entranhas o fructo do amor?

O christão moveu o passo vacillante. De repente, entre os ramos das arvores, seus olhos virão sentada, á porta da cabana, Iracema com o filho no regaço e o cão á brincar. Seu coração o arrastou de um impeto, e toda a alma lhe estalou nos labios.

— Iracema!...

A triste esposa e mãe sôabrio os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande, pode erguer o filho nos braços, e apresenta-lo ao pae, que o olhava extatico em seu amor.

— Recebe o filho de teu sangue. Chegaste a tempo; meus seios ingratos já não tinhão alimento para dar-lhe!

Pousando a creança nos braços paternos, a desventurada mãe desfalleceu como a jetyca si lhe arrancão o bulbo. O esposo vio então como a dôr tinha murchado seu bello corpo; mas a formosura ainda morava nella, como o perfume na flôr cahida do manacá.

Iracema não se ergueu mais da rêde onde a pousara os afflictos braços de Martim. O terno esposo, em quem o amor renascera com o jubilo paterno, a cercou de caricias que encherão sua alma de alegria, mas não a poderão tornar a vida; o estame de sua flôr se rompera.

— Enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amaste. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensará que é tua voz que falla entre seus cabellos.

O labio emmudeceu para sempre; o ultimo lampejo despedio-se dos olhos baços.

Poty amparou o irmão em sua grande dôr. Martim sentio quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura; é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do ubiratan, quando o broca o copim.

O camocim, recebeu o corpo de Iracema, embebido de resinas odoriferas; e foi enterrado ao pé do coqueiro, a borda do rio. Martim, quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.

A jandaia pousada no olho da palmeira repetia tristemente:

— Iracema!

Desde então os guerreiros pytiguaras que passavão perto da cabana abandonada e ouvião resoar a voz plangente da ave amiga, se afastavão, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia.

E foi assim que um dia veio á chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.

XXXII

O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partio das praias do Ceará, levando no fragil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quiz deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora.

O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da patria. Havia ahi a predestinação de uma raça?

Potỳ com seus guerreiros esperava na margem do rio. O christão lhe promettera voltar; todas as manhãs subia ao morro das areias e volvia os olhos ao mar a ver si branqueava ao longe a vela amiga.

Afinal volta Martim de novo ás terras, que forão de sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentio o calor das bran-

cas areias, derramou-se por todo seu ser um fogo ardente, que lhe requeimou o coração: era o fogo das recordações accesas.

A chamma só applacou quando elle tocou aa terra, onde dormia sua esposa; porque nesse instante seu coração transudou, como o tronco do jetahy nos ardentes calores, e refrescou sua pena de lagrimas abundantes.

Muitos guerreiros de sua raça acompanharão o chefe branco, para fundar com elle a mayri dos christãos. Veio tambem um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.

Poty foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho: não soffria elle que nada mais o separasse de seu irmão branco; porisso quiz tivessem ambos um só deus, como tinhão um só coração.

Elle recebeu com o baptismo o nome do santo, cujo era o dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dous o seu, na lingua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde elle vio a luz primeiro.

A mayri que Martim erguera á margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. A palavra do

Deus verdadeiro germinou na terra selvagem; e o bronze sagrado resoou nos valles onde rugia o maracá.

Jacaúna veio habitar nos campos da Porangaba para estar perto de seu amigo branco; Camarão assentou a taba de seus guerreiros nas margens da Mocejana.

Tempo depois, quando veio Albuquerque, o grande chefe dos guerreiros brancos, Martim e Camarão partirão para as margens do Mearim á castigar o feroz tupinambá e expulsar o branco tapuia.

Era sempre com emoção que o esposo de Iracema revia as plagas onde fora tão feliz, e as verdes folhas á cuja sombra dormia a formosa tabajara.

Muitas vezes ia sentar-se naquellas doces areias, para scismar e acalentar no peito a agra saudade.

As jandaias cantavão ainda no olho do coqueiro; mas não repetião já o mavioso nome de Iracema.

Tudo passa sobre a terra.

FIM.

NOTAS

NOTAS

Pag. 1.—*Argumento historico.*—Em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Parahyba, partio como capitão-mór de descoberta, levando uma força de 80 colonos e 800 indios. Chegou a fóz do Jaguaribe e ahi fundou o povoado que teve nome de *Nova-Lisboa.*

Foi esse o primeiro estabelecimento colonial do Ceará.

Como Pero Coelho se visse abandonado dos socios, mandarão-lhe João Soromenho com soccorros. Esse official, authorisado a fazer captivos para indemnisação das despesas, não respeitou os proprios indios do Jaguaribe, amigos dos Portuguezes.

Tal foi a causa da ruina do nascente povoado. Retirarão-se os colonos, pelas hostilidades dos

indigenas; e Pero Coelho ficou ao desamparo, obrigado a voltar a Parahyba por terra, com sua mulher e filhos pequenos.

Na primeira expedição foi do Rio-Grande do Norte um moço de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos indios do littoral e seu irmão Poty. Em 1608 por ordem de D. Diogo Menezes voltou a dar principio á regular colonisação daquella capitania: o que levou a effeito fundando o presidio de Nossa Senhora do Amparo em 1611.

Jacaúna que habitava as margens do Acaracú veio estabelecer-se com sua tribu nas proximidades do recente povoado, para o proteger contra os indios do interior e os francezes que infestavão a costa.

Poty recebeu no baptismo o nome de Antonio Phelipe Camarão, que illustrou na guerra hollandeza. Seus serviços forão remunerados com o foro de fidalgo, a commenda de Christo e o cargo de capitão mór dos Indios.

Martim Soares Moreno, chegou a mestre de campo e foi um dos excellentes cabos portuguezes que libertarão o Brasil da invasão hollandeza. O Ceará deve honrar sua memoria como de um varão prestante e seu verdadeiro fundador, pois que o primeiro povoado á foz do rio Jaguaribe foi apenas uma tentativa frustrada.

Este é o argumento historico da lenda; em notas especiaes se indicarão alguns outros subsidios recebidos dos chronistas do tempo.

Ha uma questão historica relativa a este assumpto; fallo da patria do Camarão, que um escriptor pernambucano quiz pôr em duvida, tirando a gloria ao Ceará para a dar á sua provincia.

Este ponto aliás sómente contestado nos tempos modernos pelo Sr. commendador Mello em suas *Biographias*, me parece sufficientemente elucidado já, depois da erudita carta do Sr. Basilio Quaresma Torreão, publicada no *Mercantil* n. 26 de 26 de Janeiro de 1860, 2ª pagina.

Entretanto farei sempre uma observação.

Em primeiro lugar a tradicção oral é uma fonte importante da história, e ás vezes a mais pura e verdadeira. Ora na provincia de Ceará em Sobral não só referião-se entre gente do povo noticias do Camarão, como existia uma velha mulher que se dizia delle sobrinha. Essa tradicção foi colhida por diversos escriptores, entre elles o conspicuo autor da *Coragraphia Brasilica.*

O author do Valeroso Lucideno é dos antigos o unico que pozitivamente affirma ser Camarão filho de Pernambuco; mas além de encontrar essa asserção a versão de outros escriptores de nota, acresce que Berredo explica perfeitamente o dito daquelle escriptor, quando falla da expedição de Pero Coelho de Souza a Jaguaribe, *sitio naquelle tempo e tambem no de hoje da jurisdição de Pernambuco.*

Outro ponto é necessario esclarecer para que não me censurem de infiel á verdade historica.

E' a nação de Jacaúna e Camarão que alguns pretendem ter sido a tabajara.

Ha nisso manifesto engano.

Em todas as chronicas se falla das tribus de Jacaúna e Camarão, como habitantes do littoral, e tanto que auxilião a fundação do Ceará, como já havião auxiliado a da Nova Lisboa em Jaguaribe. Ora a nação, que habitava o littoral entre o Parnahyba e o Jaguaribe ou Rio-Grande, era a dos Pytiguaras, como attesta Gabriel Soares. Os Tabajaras habitavão a serra de Ibyapaba, e portanto o interior.

Como chefes dos Tabajaras são mencionados Mel Redondo no Ceará e Grão Deabo em Piauhy. Esses chefes forão sempre innemigos irreconciliaveis e rancorosos dos portuguezes, e alliados dos francezes do Maranhão que penetrarão até Ibyapaba. Jacaúna e Camarão são conhecidos pela sua alliança firme com os portuguezes.

Mas o que solve a questão é o seguinte texto. Lê-se nas *memorias diarias* da guerra brasilica do conde de Pernambuco: — 1834, Janeiro, 18: « Pelo bom procedimento com que havia servido A. Ph. Camarão o fez El-rei capitão-mór de todos os indios não sómente de *sua nação, que era Pytiguar*, nas das outras residentes em varias aldeias. »

Esta autoridade, alem de contemporanea, testemunhal, não pode ser recusada, especialmente quando se exprime tão positiva e intencionalmente a respeito do ponto duvidoso.

Pag. 1.— *Onde canta a jandaia.*— Diz a tradicção que Ceará significa na lingua indigena —*canto de jandaia.*

Ayres do Casal, Congraphia Brasilica, refere essa tradicção. O senador Pompêo em seu excellente diccionario topographico menciona uma opinião, nova para mim, que pretende vir *Siará* da palavra *suia*-caça, em virtude da abundancia de caça que se encontrava nas margens do rio. Essa ethmologia é forçada. Para designar quantidade, usava a lingua tupy da desinencia *iba*; a desinencia *ára* junta aos verbos designa o sujeito que exercita a acção actual; junta aos nomes o que tem actualmente o objecto — exp. *Coatyara* — o que pinta.— *Jussara*—o que tem espinho.

Ceará é nome composto de *cemo*—cantar forte, clamar, e *ará*, pequena arara ou periquito. Essa é a ethmologia verdadeira, e não só conforme com a tradicção, mas com as regras da lingua.

Pag. 2.— I. *Giráó.*— Na jangada é uma especie de estrado onde acommodão os passageiros: e as vezes o cobrem de palha. Em geral é qualquer estiva elevada do solo e suspensa em forquilhas.

II. *Rugitar*—é um verbo de minha composição

para o qual peço venia. Felinto Elisio creou *ruidar* de ruido.

Pag. 4.—I. *Iracema.*—Em guarany significa labios de mel—de ira — mel e *tembe* labios. *Tembe* na composição altera-se em *ceme*, como na palavra *ceme-yba.*

II. *Grauna* é o passaro conhecido de côr negra luzidia.—Seu nome vem por corrupção de *guira* passaro e *una*; abreviação de *pixuna*, preto.

III. *Jaty.*—Pequena abelha que fabrica delicioso mel.

IV. *Ipú.*—Chamão ainda hoje no Ceará certa qualidade de terra muito fertil, que fórma grandes corôas ou ilhas no meio dos taboleiros e sertões, e é de preferencia procurada para a cultura. Dahi se deriva o nome dessa comarca da provincia.

V *Tabajaras.*— Senhores das aldeias — de *taba*—aldeia—e —*jara* senhor. Essa nação dominava o interior da provincia, especialmente a Serra da *Ibyapaba.*

Pag. 5.—I. *Oitycica.*—Arvore frondosa, apre-

ciada pela deliciosa frescura que derrama sua sombra.

II. *Gará.*— Ave palludal, muito conhecida pelo nome de *guará.* Penso eu que esse nome anda corrompido de sua verdadeira origem que é —*ig*, agua e *ará*, arara; arara d'agua, pela bella côr vermelha.

III. *Ará*—periquito. Os indigenas como augmentativo usavão repetir a ultima sillaba da palavra e às vezes toda a palavra — como *murémuré. Muré*—frauta — *muremuré* grande frauta. *Arára* vinha a ser pois o augmentativo de *ará*, e significaria a especie maior do genero.

IV. *Urú.*—Cestinho que servia de cofre ás selvagens para guardar seus objectos de mais preço e estimação.

V. *Crautá.*—Bromelia vulgar, de que se tirão fibras tão ou mais finas que as do linho.

VI. *Jussara.*—Palmeira de grandes espinhos, das quaes servem-se ainda hoje para dividir os fios da renda.

Pag. 6.—I. *Uiraçaba*—aljava—de *uira* seta e á desinencia—*caba*—cousa propria.

II. *Quebrar a frecha.*—Era entre os indigenas a maneira symbolica de estabelecerem a paz entre as diversas tribus, ou mesmo entre dois guerreiros ennemigos. Desde já advertimos

que não se extranhe a maneira porque o estrangeiro se esprime fallando com os selvagens: ao seu perfeito conhecimento dos usos e lingua dos indigenas, e sobretudò á ter-se conformado com elles aponto de deixár os trajos europeos e pintar-se, deveu Martim Soares Moreno a influencia que adquirio entre os indios do Ceará.

Pap. 9.—*Ibyapaba.*—Grande serra que se prolonga ao norte da provincia e a extrema com Piauhy. Significa terra .aparada. O Dr. Martius em seu *glossario* lhe attribue outra athmologia. *Iby*-terra — e *pabe* — tudo. A primeira porém tem a authoridade de Vieira.

Pag. 10 —*Igaçaba*—de *ig*—agua e a desinencia *çaba* — cousa propria.

II.—*Vieste.*—A saudação usual da hospitalidade era esta.—*Ere ioubê*—tu vieste? *Pa-aiotu*, vim, sim. *Auge-be*, bem dito. Veja-se Lery, pag. 286.

Pag. 11.—I. *Jaguaribe*—maior rio da provincia; tirou o nome da quantidade de onças que povoavão suas margens. *Jaguar* — onça —*iba*—desinencia para exprimir copia, abundancia.

II. *Martim.*—Da origem latina de seu nome, procedente de Marte, deduz o estrangeiro a significação que lhe dá.

III. *Pytiguaras.*—Grande nação de indios que habitava o littoral da provincia e estendia-se desde o Parnayba até o Rio Grande do Norie. A orthographia do nome anda mui viciada nas differentes versões pelo que se tornou difficil conhecer a ethmologia.

Iby significava terra; *iby-tira* veio a significar serra, ou terra alta. Aos valles chamavão os indigenas *iby-tira-cua*—cintura das montanhas. A desinencia *jara* senhor, acrescentada, formou a palavra *Ibyticuara*—que por corrucção deu *Pytiguara*— senhores dos valles.

IV *Máo espirito da floresta.* Os indigenas chamavão á esses espiritos *caa-pora* habitantes da mata, donde por corrupção veio a palavra caipora introduzida na lingua portugueza em sentido figurado.

Pag. 12.—*As mais bellas mulheres.*—Este costume da hospitalidade americana é attestado

pelos chronistas. A elle se attribue o bello rasgo de virtude de Anchieta, que para fortalecer a sua castidade, compunha nas praias de Iperoig o poema da *Virgindade de Maria*, cujos versos escrevia nas areias humidas, para melhor os polir.

Pag. 13. — I. *Jurema*. — Arvore mean, de folhagem espessa; dá um fructo excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual juntamente com as folhas e outros ingredientes preparavão os selvagens uma bebida, que tinha o effeito do hatchis, de produzir sonhos tão vivos e intensos, que a pessoa fruia nelles melhor do que na realidade. A fabricação desse licor era um segredo, explorado pelos Pagés, em proveito de sua influencia. *Jurema* é composto de *ju*-espinho e *rema* cheiro desagradavel.

II. *Irapuam*—de *ira*-mel e *apuam* redondo: é o nome dado á uma abelha virulenta e brava, por causa da forma redonda de sua calmea. Por corrupção reduzio-se esse nome actualmente á *arapuá*. O guerreiro de que se trata aqui é o celebre Mel-redondo, assim chamado pelos chronistas do tempo que traduzião seu nome ao pé da lettra. Mel-redondo chefe dos Tabajaras da serra Ibyapaba foi encarniçado inemigo dos Portuguezes, e amigo dos Francezes.

III. *Acaraú.*—O nome do rio é *Acaracú*—de *acará* garça—*co*—buraco, toca, ninho, e *y*—som dubio entre *i* e *u*, que os portuguezes, ora exprimião de um, ora de outro modo, significando *agua*. Rio do ninho das garças é pois a traducção de *Acaracú;* e rio das garças a de *Acaraú*. Usou-se aqui da liberdade horaciana para evitar em uma obra litteraria, obra de gosto e artistica, um som aspero e ingrato. De resto quem sabe si o nome primitivo não foi realmente *Acaraú*, que se alterou como tantos outros, pela introducção da consoante?

IV. *Estrella morta.*—A estrella polar por causa de sua mimobilidade; orientavão-se por ella os selvagens durante a noite.

Pag. 14.—I. *Boiciminga*—é a cobra cascavel—de *boia*, cobra e *cininga* chocalho.

II. *Oitibó*—é uma ave nocturna, especie de coruja.

Pag. 26.—I. *Espiritos da treva.*—A esses espiritos chamavão os selvagens *curupira*, meninos máos—de *curumim*, menino, e *pira* máo.

II. *Boré*—frauta de bambú,—o mesmo que muré.

III. *Ocara*—praça circular que ficava no centro da taba, cercada pela estacada, e para a qual abrião todas as casas. Composto de *oca*, casa e a desinencia *ara*, que tem; aquillo que tem a casa, ou onde a casa está.

Pag. 17.—I. *Potyuara*—comedor de camarão; de *poty*—e *uara*. Nome que por despreso davão os ennemigos aos Pytiguaras, que habitavão as praias e vivião em grande parte de pesca.

Este nome dão alguns escriptores aos Pytiguaras, porque os receberão de seus ennemigos.

II. *Pocema*—grande alarido que fazião os selvagens nas occasiões solemnes como em começo de batalha, ou nas expansões da alegria; é palavra adoptada ja na lingua portugueza e inserida no diccionario de Moraes. Vem de *po*-mão e *cemo* clamar; clamor das mãos, porque os selvagens acompanhavão o vozear com o bater das palmas e das armas.

III. *Andira*—morcego: é em allusão á seu nome que Irapuam dirige logo palavras de despreso ao velho guerreiro.

Pag. 20.—*Acacaty*.—Significava este nome bom tempo de *ara* e *catú*. Os selvagens do sertão assim chamavão as brisas do mar que soprão regularmente ao cahir da tarde, e correndo pelo valle do Jaguaribe se derramão pelo interior e refrigerão da calma abrasadora do verão. Dahi resultou chamar-se *Aracaty* o lugar de onde vinha a monção. Ainda hoje no Icó o nome é conservado a brisa da tarde, que sopra do mar.

Pag. 25.—*Afflar*. — Sobre este verbo que introduzi na lingua portugueza do latim *afflo*, já escrevi o que entendi em nota de uma segunda edicção da *Diva* que brevemente ha de vir a luz.

Anhanga.—Davão os indigenas este nome ao espirito do mal; compõe-se de *anho* só e *anga* alma. Espirito só, privado de corpo, fantasma.

Pag. 32.—I. *Camocim*—vaso onde encerravão os indigenas os corpos dos mortos e lhes servia de tumulo; outros dizem *camotim*, e talvez com melhor orthographia, porque se não me engano o nome é corrupção da frase *co*

buraco *ambyra* defuncto *anhotim* enterrar—buraco para entrar o defuncto—*c' am' otim.* O nome dava-se tambem á qualquer pote.

II. *Guabiroba.*—Deve ler-se *Andiroba.* Arvore que dá um azeite amargo.

III. *Cabellos do sol*—em tupy *guaraciaba.* Assim chamavão os europeos que tinhão os cabellos louros.

Pag. 35.—I. *Moquem.*—Do verbo *mocaém* assar na labareda. Era a maneira porque os indigenas conservavão a caça para não apodrecer, quando a levavão em viagem. Nas cabanas a tinhão no fumeiro.

II. *Senhor do caminho*—assim chamavão os indigenas ao guia—de *py*-caminho e *guara*, senhor.

Pag. 36.—*O dia vae ficar triste.*—Os tupys chamavão a tarde *carúca*, segundo o diccionario: segundo Lery,*che caruc acy*, significa—« estou t iste.» Qual destes era o sentido figurado da palavra? Tirarão a imagem da tristesa, da

sombra da tarde, ou a imagem do crepusculo do torvamento do espirito?

Pag. 37.—I. *Jurupary*—demonio; de *juru*-boca e *apara* torto, alejado. O boca torta.

II. *Ubaia*—fructa conhecida da especie engenia. Significa fructa saudavel de *uba*-fructa e *aia* saudavel.

Pag. 40.—I. *Jandaia*.—Este nome que anda escripto por diversas maneiras *nhendaia*, *nhandaia* e em todas alterado é apenas um adjectivo qualificativo do substantivo *ará*. Deriva-se elle das palavras *nheng*— fallar — *antan*, duro, forte, aspero, e *ara* desinencia verbal que exprime o agente—*nh' ant' ara*; substituido o *t* por *d*— e o *r* por *i*, tornou-se nhandaia, donde jandaia, que se traduzirá por periquito grasnador.

Do canto desta ave, como se vio, é que vem o nome de Ceará, segundo a ethmologia que lhe dá a tradicção.

II. *Inhuma*.—Ave nocturna palamedea. A

especie de que se falla aqui é a palamedea chavaria, que canta regularmente a meia-noite. A orthographia melhor creio ser *anhuma*, talvez de *anho*, só, e *anum*, ave agoureira condecida. Significaria então *anum solitario*, assim chamado pela tal ou qual semelhança do grito desagradavel.

Pag. 42.—*Inubia*.—Trombeta de guerra. Os indigenas, segundo Lery, as tinhão tão grandes que medião um deametro na abertura.

Pag. 44.—*Guará*.—Cão selvagem, lobo brasileiro. Provem esta palavra do verbo *u* comer, do qual se forma com o relativo *G* e a desinencia *ara* o verbal *g-u-ára* comedor. A sillaba final longa é a particula propositiva *ã* que serve para dar força a palavra.

G-u-ára-ã realmente comedor, voraz.

Pag. 45.—*Giboa*.—Cobra conhecida: de *gi*

machado e *boia* cobra. O nome foi tirado da maneira porque a serpente lança o bote, semelhante ao golpe do machado; pode traduzir-se bem, cobra de arremesso.

Pag. 46.—I. *Sucury*.—A serpente gigante que habita nos grandes rios e engole um boi. De *Suu*, animal e *cury* ou *curu* roncador. Animal roncador, porque de feito o ronco da sucury é medonho.

II. *Si é que tens sangue e não mel.* Allusão que faz o velho Andira ao nome de Irapuam, e qual como se disse significa mel redondo.

Pag. 47.—*Ouve seu trovão.* — Todo esse episodio do rugido da terra é uma astucia, como usavão os pajés e os sacerdotes de toda a nação selvagem para imporem á imaginação do povo. A cabana estava assentada sobre um rochedo, onde havia uma galeria subterranea que communicava com a varsea por estreita abertura; Araken tivera o cuidado de tapar com grandes pedras as duas aberturas, para occultar a gruta dos guerreiros. Nessa occasião a fenda

inferior estava aberta e o Pagé o sabia; abrindo a fenda superior, o ar encanou-se pelo antro espiral com estridor medonho, e de que pode dar uma idéa o sussurro dos caramujos.—O facto é pois natural; a apparencia sim é maravilhosa.

Pag. 48.—*Abaty n'agua.*—Abaty — arroz; Iracema serve-se da imagem do arroz que só viça no alagado, para exprimir sua alegria.

Pag. 61.—*Ubiratau.*—Páo ferro de *ubira* — páo e *antan* duro.

Pag. 62.—I. *Maracajá.*—Gato selvagem.

II. *Caetetus.*—Porco do mato, especie de javalí brasileiro. De *caeté*—mato grande e virgem — e *suu* caça, mudado o *s* em *t* na composição pela euphonia da lingua. Caça do mato virgem.

III. *Jaguar.*—Vimos que guará significa voraz. Jaguar tem inquestionavelmente a

mesma ethmologia; é o verbal *guara* e o pronome *ja* nós. Jaguar era pois para os indigenas todos os animaes que os devoravão. *Jaguareté* o grande devorador.

IV. *Anagê*.—Gavião.

Pag. 65.—*Acauan*, ave ennemiga das cobras — de *caa* páu e *uan* — do verbo *u*, que come páo.

Pag. 66.—*Sahy*.—Lindo passaro azul.

Pag. 68.—*Carioba*. — Camisa de algodão, de *cary* branco e *oba* roupa. Tinhão tambem a *arassoia* de *arára* e *oba*, vestido de pennas de arara.

Pag. 68.—*A' cintura da virgem*. Os indigenas chamavão a amante possuida *aguaçaba*, de *aba*, homem, *cua*, cintura, *çaba*, cousa propria; a mulher que o homem cinge, ou traz á cintura. Fica pois claro o pensamento de Iracema.

Pag. 72.—*Jaey*.—A lua. De *já*—pronome, nós, e *cy*—mãe.—A lua exprimia o mez para os selvagens; e seu nascimento era sempre por elles festejado.

Pag. 73.—*Fogos da alegria*.—Chamavão os selvagens *tory*, os faxos ou fogos; e *toryba*, a alegria, a festa, a grande copia de faxos.

Pag. 74.—*Bucan*.—Significa uma especie de grelha que os selvagens fazião para assar a caça; dahi vem o verbo francez *boucaner* A palavra é da lingua tupy.

Pag. 75.—I. *Acoty*—cotia.
II. *Abaetè*—varão abalisado; de *aba*—homem e *etè*—forte, egregio.

Pag. 83.—*Jacaúna*—jacarandá preto—de

jaca, abreviação de jacarandá, e *una*, preto. Este Jacaúna é o celebre chefe, amigo de Martim Soares Moreno.

Pag. 84. *Coandù*—porco espinho.

Pag. 85. *Seu collar de guerra*.—O collar que os selvagens fazião dos dentes dos ennemigos vencidos era um brasão e tropheo de valentia.

Pag. 88.—I. *Japy*—significa, nosso pé, de *ja*—pronome, nós e *py* pé.

II. *Ibyapina*.—De *Iby*-terra e *apino*, tosquiar.

III. *Jatobá*—grande arvore real. O lugar da scena é o sitio da hoje Villa Viçosa, onde diz a tradicção ter nascido Camarão.

Pap. 92. — *Meruoca.* — De *meru*, mosca, e *oca*, casa. Serra junto de Sobral fertil em mantimentos.

Pag. 93. — I. *Uruburetama* — patria ou ninho de urubus : serra bastante alta.

II. *Mundahu* — rio muito tortuoso que nasce na serra de Uruburetama. *Mundé*, cilada, e *hu* rio.

III. *Potengi* — rio que rega a cidade do Natal, donde era filho Soares Moreno.

Pag. 95. — *As saborosas trahiras.* — E' o rio Trahiry trinta leguas ao norte da capital. De *trahira*, peixe e *y*, rio. Hoje é povoação e destricto de paz.

Pag. 96. — I. *Soipé* — paiz da caça. De *Sôo* caça, e *ipè*, lugar onde. Diz-se hoje Siupé, rio e povoação pertencente á freguezia e termo da Fortaleza, situada á margem dos alagados chamados Jaguarussú na embocadura do rio.

II. *Pacoty* — rio das pacobas. Nasce na serra de Baturité e lança-se no oceano duas legoas ao norte de Aquirás.

III. *Iguape*—enseada distante duas legoas de Aquirás. De *Ig*, agua, *cua*, centura e *ipé*, onde.

Pag. 97.—I. *Mocoribe*—morro de areia na enseada do mesmo nome á uma legua da Fortaleza; diz-se hoje Mucuripe. Vem de *Corib* alegrar e *mo*, particula ou abreviatura do verbo *monhang* fazer, que se junta aos verbos neutros e mesmo activos para dar-lhes significação passiva — exp. *caneon*, affligir-se, *mocaneon* fazer alguem afflicto.

II. *Rio que forma um braço de mar*.—E' o *Parnahyba*, rio de Piauhy. Vem de *Pará*, mar, *nhanhe*, correr e *hyba*, braço; braço corrente do mar. Geralmente se diz que *Pará* significa rio e *Paraná* mar; é inteiramente o contrario.

Pag. 99.—I. *Mayry*—cidade. Talvez provenha o nome de *mayr* estrangeiro, e fosse applicado aos povoados dos brancos em opposição ás tabas dos indios.

II. *Brancos tapuios* — em tupy, *tapuitinga*.

Nome que os Pytiguaras davão aos francezes para differença-los dos Tupinambás. *Tapuia*, significa barbaro, ennemigo. De *taba*, aldeia e *puyr*, fugir—os fugidos da aldeia.

Pag. 101. —I. *Batuiretê* — narseja illustre, de *batuira* e *etê*. Appellido que tomára o chefe pytiguara, e que na linguagem figurada valia tanto como valente nadador. E' o nome de uma serra fertilissima e da comarca que ella occupa.

II. *Suas estrellas erão muitas.* — Contavão os indigenas os annos pelo nascimento das pleiades no oriente ; e tambem costumavão guardar uma castanha de cada estação de cajú, para marcar a idade.

III. *Jatobá* — arvore frondoza , talvez de *jetahi*, *oba*, folha e *a*, augmentativo; jetahy de grande copa. E' nome de um rio e de uma serra em S. Quiteria.

Pag. 102. — I. *Quixeramobim* — segundo e Dr. Martius traduz-se por essa exclamação do saudade. Compõe-se de *Qui*, ah!, *xere*, meus, *amôbinhê*, outros tempos.

II. *Caminho das garças.*—Em tupy *Acarape*, povoação na freguezia de Baturite á nove leguas da capital.

Pag. 103.—*Maranguab.*—A serra da Maranguape distante cinco leguas da capital, e notavel pela sua fertilidade e formosura. O nome indigena compõe-se de *maran* guerrear e *coaub* sabedor; *maran*, talvez seja abreviação de *maramonhang*, fazer guerra, se não é, como eu penso, o substantivo simples guerrear, de que se fez o verbo composto. O Dr. Martius traz ethmologia diversa. *Mara*, arvore, *angai*, de nenhuma maneira, *guabe*, comer. Esta ethmologia nem me parece propria ao objecto que é uma serra, nem conforme com os preceitos da lingua.

II. *Pirapora.*—Rio de Maranguape, notavel pela frescura de suas aguas e excellencia dos banhos chamados da Pirapora, no lugar das cachoeiras. Provem o nome de *Pira*, peixe, *pore*, salto: salto do peixe.

Pag. 104. — *O gavião branco.* — Batuiretê chama assim o guerreiro branco, ao passo que trata o neto por narseja: elle prophetisa nesse parallello a destruição de sua raça pela raça branca.

Pag. 108. — *Porangaba* — significa bellesa.

E' uma lagoa distante da cidade ume legua em sitio aprasivel. Hoje a chamão Arronches: e as suas margens está a decadente povoação do mesmo nome.

II. *Jererahu*—rio das marrecas; de *jerere*—ou *irêrê*, marreca, e *hu*, agua. Este lugar ainda hoje é notavel pela excellencia da fructa, com especialidade as bellas laranjas conhecidas por *laranjas de Jererahu*.

Pag. 109.—I. *Sapiranga*—lagoa no sitio Alagadiço Novo, a cerca de 2 leguas da capital. O nome indigena significa olhos vermelhos, de *ceça*, olhos e *piranga*, vermelhos. Esse mesmo nome dão usualmente no norte a certe ophtalmia.

II. *Murityapuá*—de *murity*—nome da palmeira mais vulgarmente conhecida por burity, e *apuam*, ilha. Lugarejo no mesmo sitio referido.

III. *Aratanha*—de *arára*, ave e *tanha*, dente. Serra mui fertil e cultivada em continuação da de Maranguape.

IV *Pacatuba*—de *paca* e *tuba*, leito ou couto das pacas. Recente, mas importante povoação, em um bello valle da serra da Aratanha.

V. *Guayùba*.—De *goaia*, valle, *y*, agua, *jur*, vir, *be*, por onde; por onde vem as aguas do valle. Rio que nasce na serra da Aratanha

e corta a povoação do mesmo nome á seis leguas da capital.

Pag. 112.—*Ambar*. As praias do Ceará erão nesse tempo muito abundantes de ambar que o mar arrojava. Chamavão-lhe os indigenas, *Pira repoti*, esterco de peixe.

Pag. 113.—*Coatyá*—pintar. A historia, menciona esse facto de Martim Soares Moreno se ter coatyado quando vivia entre os selvagens do Ceará.

Pag. 115.—*Coatyabo*.— A desinencia *abo* significar o objecto que soffreu a acção do verbo, e talvez provenha de *aba*, gente, creatura,

---

Pag. 117.— *Colibri*. —Desse lethargo do colibri no inverno falla Simão de Vasconcellos.

Pag. 125.—*Mocejana*.—Lagoa e povoação a 2 leguas da capital. O verbo *cejar* significa—abandonar; a desinencia *ana* indica a pessoa que exercita a acção do verbo. *Cejana*—significa o que abandona. Junta a particula *mo* do verbo *monhang*, fazer, vem a palavra a significar o que fez abandonar ou que foi lugar e occasião de abandonar.

II.—*Carbeto*.—Especie de serão que fazião os indios á noite em uma cabana maior, onde todos se reunião para conversar. Leia-se Ives D'Evreux: Viagem ao norte do Brasil.

Pag. 126.—*Monguba*.—Arvore que dá um fructo cheio de cotão. semelhante ao da sumauma, com a differença de ser negro. Dahi veio o nome a uma parte da serra de Maranguape onde tem estabelecimento rural o tenente coronel João Franklin de Alencar.

Pag. 128.—*Imbú*.—Fructa da serra do Araripe que não vem no littoral. E' saborosa e semelhante ao cajá.

Pag. 129.—*Jacarecanga.*—Morro de areia na praia do Ceará, afamado pela fonte de agua fresca purissima. Vem o nome de *Jacare*, crocodilho e *acanga* cabeça.

Pag. 133.—*Japim.*—Passaro côr de ouro com encontros pretos e conhecido vulgarmente pelo nome de *soffrer*.

Pag. 134. *Folha escura*, a murta, que os indigenas chamava *capixuna* — de *caa*-rama, folhagem , e *pixuna* escuro. Dahi vem a figura de que usa Iracema para exprimir a tristesa que ella produz no esposo.

Pag. 136.—I. *Tupinambás.*—Nação formidavel, ramo primitivo da grande raça tupy. Depois de uma resistencia heroica, não podendo expulsar os portuguezes da Bahia emigrarão até o Maranhão onde fizerão alliança com os fran-

cezes que já então infestavão aquellas paragens. O nome que elles se davão significa—gente parente dos Tupvs— de *Tupy* — *anama* — *aba*.

II.—*Maracatim*.—Grande barco que levava na proa—*tim*—um *maracá*. Aos barcos menores ou canoas chamavão *igara*— de *ig*—agua— e *jara*, senhor; senhora d'agua.

Pag. 137.—I. *Caiçara*, de *cai*, pau queimado e a desinencia *çara*, cousa que tem, ou se faz. O que se faz de pau queimado. Era uma forte estacada de pau a pique.

II.—*Bahia dos papagaios*.—E a bahia da *Jericoacoara*, de *jeru*, papagaio, *cua*, varzea, *coara*, buraco ou seio; enseada da varzea dos papagaios. E' um dos bons portos do Ceará.

Pag. 140.—*Moacyr*,—Filho do soffrimento— de *moacy*, dôr e *ira*, desinencia, que significa sahido de

---

Pag. 141.—*Faxa*.—E' o que chamão vulgar-

mente *typoia*; rejeitou-se o termo proprio, do testo por andar degradado no estylo chulo.

Pag. 143.—*Chupou tua alma.*—Creança em tupy é *pitanga*, de *piter* chupar e *anga* alma; chupa alma. Seria porque as crenças attrahem e deleitão aos que as vêem; ou porque absorvem uma porção d'alma dos paes? Cauby falla nesse ultimo sentido.

Pag. 147.—*Cariman.*—Uma conhecida preparação de mandioca. *Caric*, correr, *mani*, mandioca. Mandioca escorrida.

Pag. 150.—*Tauape*, lugar de barro amarello, de *tauá* e *ipé*. Fica no caminho de Maranguape.

II.—*Piau*, peixe que deu o nome ao rio Piauhy.

III.—*Velha-taba*,—traducção de *tapui-tapera*. Assim chamava-se um dos estabelecimentos dos Tupinambás no Maranhão.

IV.—*Itaoca*— casa de pedra, fortaleza.

Pag. 152.—*Manacá*.—Linda flôr. Veja-se o que diz arespeito o Sr. Gonsalves Dias em seu diccionario.

Pag. 153.—*Copim*.— Insecto conhecido. O nome compõe-se de *co* buraco e *pim* ferrão:

Pag. 156. — *Albuquerque*. — Jeronimo de Albuquerque chefe da expedição ao Maranhão em 1612.

CARTA

AO DR. JAGUARIBE.

Eis-me de novo, conforme o promettido.

Já leu o livro e as notas que o acompanhão; conversemos pois.

Conversemos sem cerimonia, em toda familiaridade, como si cada um estivesse recostado em sua rede, ao vaivem do languido balanço, que convida á doce pratica.

Si algum leitor curioso se puzer á escuta, deixa-lo. Não havemos porisso de mudar o tom rasteiro da intimidade pela frase garrida das salas.

Sem mais.

Hade recordar-se você de uma noite que entrando em minha casa, quatro annos á esta parte, achou-me rabiscando um livro. Era isso em uma quadra importante , pois que uma nova legislatura, filha de nova lei, fazia sua primeira sessão ; e o paiz tinha os olhos nella, de quem esperava iniciativa generosa para melhor situação.

Já estava eu meio descrido das cousas, e mais dos homens ; e porisso buscava na litteratura diversão á tristesa que me infundia o estado da patria entorpecida pela indifferença. Cuidava eu porém que você, politico de antiga e melhor tempera, pouco se preocupava com as cousas litterarias não por menos preço, sim por vocação.

A conversa que tivemos então revelou meu engano ; achei um cultor e amigo da litteratura amena ; e juntos lemos alguns trechos da obra, que tinha, e ainda não as perdeu, pretenções á um poema.

E', como viu e como então lhe esbocei á largos traços, uma heroida que tem por assumpto as tradicções dos indigenas brasileiros e seus costumes. Nunca me lembrara eu de dedicar-me a esse

genero de litteratura, de que me abstive sempre, passados que forão os primeiros e fugaces arroubos da juventude. Supporta-se uma prosa mediocre, e estima-se pelo quilate da idéa; mas o verso mediocre é a peor triaga que se possa impingir ao pio leitor.

Commetti a imprudencia quando escrevi algumas cartas sobre a *Confederação dos Tamoios* dizer: « as tradicções dos indigenas dão materia para um grande poema que talvez um dia alguem apresente sem ruido nem apparato, como modesto fructo de suas vigilias. »

Tanto bastou para que suppozessem que o escriptor se referia á si, e tinha já o poema em mão; varias pessoas perguntarão-me por elle. Metteu-me isto em brios litterarios; sem calcular das forças minimas para empresa tão grande, que assoberbou dois illustres poetas, tracei o plano da obra, e a comecei com tal vigor que levei quasi de um folego ao quarto canto.

Esse folego, susteve-se cerca de cinco mezes, mas amorteceu; e vou lhe confessar o motivo.

Desde cedo, quando começarão os primeiros pruridos litterarios, uma especie de instincto me impellia a imaginação para a raça selvagem

e indigena. Digo instincto, porque não tinha eu então estudos bastantes para apreciar devidamente a nacionalidade de uma litteratura; era simples prazer que me deleitava na leitura das chronicas e memorias antigas.

Mais tarde discernindo melhor as cousas, lia as producções que se publicavão sobre o thema indigena; não realisavão ellas a poesia nacional, tal como me apparecia no estudo da vida selvagem dos autoctnes brasileiros. Muitas pecavão pèlo abuso dos termos indigenas accumulados uns sobre oùtros, o que não só quebrava a harmonia da lingua portugueza, como perturbava a intèlligencia do texto. Outras erão primorosas no estylo e ricas de bellas imagens; porém certa rudez ingenua de pensamento e expressão, que devia ser a linguagem dos indigenas, não se encontrava ali.

Gonsalves Dias é o poeta nacional por excellencia; ninguem lhe disputa na opulencia da imaginação, no fino lavor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens. Em suas poesias americanas aproveitou muitas das mais lindas tradicções dos indigenas; e em seu poema não concluido dos

Timbiras, propoz-se á descrever a epopea brasileira.

Entretanto, os selvagens de seu poema fallão uma linguagem classica, o que lhe foi censurado por outro poeta de grande estro, o Dr. Bernardo Guimarães; elles exprimem idéas proprias do homem civilisado, e que não é verosimil tivessem no estado da natureza.

Sem duvida que o poeta brasileiro tem de traduzir em sua lingua as idéas, embora rudes e grosseiras, dos indios; mas nessa traducção está a grande difficuldade; é preciso que a lingua civilisada se molde quanto possa á singelesa primitiva da lingua barbara; e não represente as imagens e pensamentos indigenas senão por termos e frases que ao leitor pareção naturaes na boca do selvagem.

O conhecimento da lingua indigena, é o melhor criterio para a nacionalidade da litteratura. Elle nos dá não só o verdadeiro estylo, como as imagens poeticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendencias de seu espirito, e até as menores particularidades de sua vida.

E' nessa fonte que deve beber o poeta bra-

sileiro; é della que hade sahir o verdadeiro poema nacional, tal como eu o imagino.

Commettendo portanto o grande arrojo, aproveitei o ensejo de realisar as idéas que me vagueavão no espirito, e não erão ainda plano fixo; a reflexão consolidou-as e robusteceu.

Na parte escripta da obra forão ellas vasadas em grande copia. Si a investigação laboriosa das bellesas nativas feita sobre imperfeitos e espurios diccionarios exhauria o espirito; a satisfação de cultivar essas flôres agrestes da poesia brasileira, deleitava. Um dia porém fatigado da constante e aturada meditação ou analyse para descobrir a ethmologia de algum vocabulo, assaltou-me um receio.

Todo este improbo trabalho que as vezes custava uma só palavra, me seria levado á conta? Saberião que esse escropulo d'ouro fino, tinha sido desentranhado da profunda camada, onde dorme uma raça extincta? Ou pensarião que fora achado na superficie e trasido ao vento da facil inspiração?

E sobre esse, logo outro receio.

A imagem ou pensamento com tanta fadiga esmerilhados, serião apreciados em seu justo valor,

pela maioria dos leitores? Não os julgarião inferiores a qualquer das imagens em voga, usadas na litteratura moderna?

Occorre-me um exemplo tirado deste livro. Guia, chamavão os indigenas, senhor do caminho, *pyguara*. A bellesa da expressão selvagem em sua traducção litteral e ethmologica, me parece bem saliente. Não dizião sabedor do caminho, embora tivessem termo proprio, *coaub* porque essa frase não exprimiria a energia de seu pensamento. O caminho no estado selvagem não existe; não é cousa de saber. O caminho faz-se na occasião da marcha atravez da floresta ou do campo, e em certa direcção; aquelle que o tem e o dá, é realmente senhor do caminho.

Não é bonito? Não está ahi uma joia da poesia nacional?

Pois talvez haja quem prefira a expressão rei do caminho, embora os brasis não tivessem rei, nem idéa de tal instituição. Outros se inclinarão á palavra guia, como mais simples e natural em portuguez, embora não corresponda ao pensamento do selvagem.

Ora escrever um poema que devia alongar-se

para correr o risco de não ser entendido, e quando entendido não apreciado, era para desanimar o mais robusto talento, quanto mais a minha mediocridade. Que fazer? Encher o livro de griphos que o tornarião mais confuso e de notas que ninguem lê? Publicar a obra parcialmente para que os entendidos proferissem o veredicto litterario? Dar leitura della á um circulo escolhido, que emittisse juiso illustrado?

Todos estes meios tinhão seu inconveniente, e todos forão repellidos: o primeiro afeiava o livro; o segundo o truncava em pedaços; o terceiro não lhe aproveitaria pela ceremoniosa benevolencia dos censores. O que pareceu melhor e mais acertado foi desviar o espirito dessa obra e dar-lhe novos rumos.

Mas não se abandona assim um livro começado, por peior que elle seja; ahi nessas paginas cheias de rasuras e borrões dorme a larva do pensamento, que pode ser nimpha de asas douradas, se a inspiração fecundar o grosseiro casulo. Nas diversas pausas de suas preocupações o espirito volvia pois ao album, onde estão ainda incubados e estarão cerca de dois mil versos heroicos.

Conforme a benevolencia ou severidade de

minha consciencia as vezes os acho bonitos e dignos de verem a luz; outras me parecem vulgares, monotonos, e somenos á quanta prosa charra tenho eu estendido sobre o papel. Si o amor de pae abranda afinal esse rigor, não desvanece porém nunca o receio de « perder inutilmente meu tempo á fazer versos para cabocolos. »

Em um desses volveres do espirito á obra começada, lembrou-me da experiencia *in anima prosaica.* O verso pela sua dignidade e nobresa não comporta certa flexibilidade de expressão que entretanto não vae mal á prosa a mais elevada. A elasticidade da phrase permittiria então que se empregassem com mais claresa as imagens indigenas, de modo a não passarem desapercebidas. Por outro lado conhecer-se-hia o effeito que havia de ter o verso pelo effeito que tivesse a prosa.

O assumpto para a experiencia, de antemão estava achado. Quando em 1848 revi nossa terra natal, tive a idéa de aproveitar suas lendas e tradições em alguma obra litteraria. Já em S. Paulo tinha começado uma biographia do Camarão. A mocidade delle, a amisade heroica

que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade de Jacaúna, aliado dos Portuguezes, e suas guerras contra o celebre Mel Redondo; ahi estava o thema. Faltava-lhe o perfume que derrama sobre as paixões do homem a bellesa da mulher.

Sabe você agora o outro motivo que eu tinha de lhe enderessar o livro; precisava dizer todas estas cousas, contar o como e porque escrevi *Iracema*. E com quem melhor conversaria sobre isso do que com uma testemunha de meu trabalho, a unica, das poucas, que respira agora as auras cearences?

Este livro é pois um ensaio ou antes amostra. Verá realisadas nelles as minhas idéas á respeito da litteratura nacional; e achará ahi poesia inteiramente brasileira, haurida na lingua dos selvagens. A ethmologia dos nomes das diversas localidades, e certos modos de dizer tirados da composição das palavras, são de cunho original.

Comprehende você que não podia eu derramar em abundancia essa riquesa no livrinho agora publicado, porque ellas ficarião desfloradas na obra de maior vulto, a qual só teria a novidade

da fabula. Entretanto ha ahi de sobra para dar materia á critica, e servir de base ao juiso dos entendidos.

Si o publico ledor gostar dessa forma litteraria, que me parece ter algum attrativo e novidade, então se fará um esforço para levar ao cabo o começado poema, embora o verso pareça na epocha actual ter perdido sua influencia e prestigio. Si porém o livro for acoimado de sediço e tedioso, ou se Iracema encontrar a usual indifferença, que vae acolhendo o bom e o máo com a mesma complacencia, quando não é o silencio desdenhoso e ingrato; então o author se desenganará de mais esse genero de litteratura, como já se desenganou do theatro; e os versos como as comedias passarão para a gaveta dos papeis velhos, reliquias authobiographicas.

Depois de concluido o livro e quando o reli apurado na estampa, conheci me tinhão escapado senões que poderia corrigir si não fosse a pressa com que o fiz editar; noto algum excesso de comparações, certa semelhança entre algumas imagens, e talvez desalinho no estylo dos ultimos capitulos que desmerecem dos primeiros.

Tambem me parece devia conservar aos nomes das localidades sua actual versão, embora corrompida. Si a obra tiver segunda edicção será escoimada destes e de outros deffeitos que lhe descubrão os entendidos.

Agosto 1865.

J. DE ALENCAR.